

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

ANA SHEILA SOARES MASCARENHAS

**AS INTERFACES DA LÍNGUA PORTUGUESA FRENTE ÀS PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS: NARRATIVA DE UMA PROFESSORA NO PROGRAMA UM
GESTAR EM CADA ESCOLA**

São Leopoldo

2012

ANA SHEILA SOARES MASCARENHAS

AS INTERFACES DA LÍNGUA PORTUGUESA FRENTE ÀS PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS: NARRATIVA DE UMA PROFESSORA NO PROGRAMA UM
GESTAR EM CADA ESCOLA

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de pesquisa: Educação
Comunitária com Infância e
Juventude

Orientadora: Márcia Eliane Leindcker da Paixão

São Leopoldo

2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M395i Mascarenhas, Ana Sheila Soares

As interfaces da língua portuguesa frente às práticas pedagógicas: narrativa de uma professora no programa Um Gestar em Cada Escola / Ana Sheila Soares Mascarenhas ; orientadora Márcia Eliane Leindcker da Paixão. – São Leopoldo : EST/PPG, 2012. 66 p.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2013.

1. Língua portuguesa – Estudo e ensino. 2. Educação comunitária. 3. Ensino religioso. I. Paixão, Márcia Eliane Leindcker da. II. Título.

ANA SHEILA SOARES MASCARENHAS

AS INTERFACES DA LÍNGUA PORTUGUESA FRENTE ÀS PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS: NARRATIVA DE UMA PROFESSORA NO PROGRAMA UM
GESTAR EM CADA ESCOLA

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de pesquisa: Educação
Comunitária com Infância e
Juventude

Data:

Márcia Eliane Leindcker da Paixão – Doutora em Educação – Faculdades EST

Remí Klein – Doutor em Teologia – Faculdades EST

Dedico este trabalho ao meu esposo, o grande e eterno amor da minha vida, Átila Leite. Se você não tivesse chegado eu não continuaria a caminhada. Obrigada por cuidar de todos os detalhes do meu ser, por me trazer o ar, a inspiração e o incentivo, por acreditar que eu chegaria, por todas idas e vindas, pelas muitas viagens feitas para que eu chegasse tranquila em todas as atividades da pesquisa. Meu bem você me ensinou que as grandes dificuldades engrandecem uma brilhante conquista, pra sempre o amarei.

AGRADECIMENTOS

*Não tenho palavras pra agradecer tua bondade
Dia após dia me cercas com fidelidade
nunca me deixes esquecer
Que tudo o que tenho
Tudo o que sou
O que vier a ser
Vem de Ti, Senhor [...]*

(Ana Paula Valadão)

A Deus, meu Pai Eterno, o maior arquiteto do universo, agradeço pelo dom da vida e pelas ricas oportunidades de aprender a cada dia. Adoro-te, pela tua onipotência, onipresença e onisciência.

Ao meu esposo, Átila Leite. Somente Deus para me presentear você. Obrigada, amor, por tanta dedicação e carinho; por tanta fé e coragem!

Aos meus pais, Joaquim e Ana, dupla incrível. Meus amores lindos, jamais me esquecerei das lições de caráter e respeito ensinadas e por abrirem mão dos seus sonhos para sonharem o meu, amo muito vocês: “painho” e “mainha”.

Aos meus irmãos Fábio e Jamille e minha “cunhada” Meire. O apoio de vocês me surpreendeu; obrigada pelas viagens ao aeroporto.

Aos meus sogros, Edvaldo e Hodávia por me tratar como filha, é muito bom receber o carinho de vocês.

Aos meus cunhados: Nilvan e Elda, Cristiano e Midiã e Érica, pelo cuidado e as constantes ligações quando estava distante.

Às minhas fofas sobrinhas, Émile, Liz e Louise são as mais lindas e inteligentes do mundo.

Ao amado Padre Gilton Abreu, o paizão de todos na turma, sem sua empolgação e seu empenho não teria coragem de enfrentar esse desafio.

À minha amada Sílvia Natali Rocha, uma amiga verdadeira que conquistei nessa trajetória, obrigada pela companhia, desde o “miojo” às passagens aéreas.

À grande Família Rocha, pela acolhida e pelo total apoio nas viagens.

À minha Orientadora Profa. Dra. Márcia Eliane Leindcker da Paixão pelas palavras de incentivo e pelo carinho ao cuidar da minha orientação e da leitura deste trabalho.

À amada Dra. Gisela I. W. Streck, Coordenadora do Mestrado, impossível esquecer a sua doçura e a preocupação com os baianos que estavam no sul do Brasil com frio abaixo de zero grau.

Ao querido Prof. Dr. Remí Klein, segundo corretor dessa dissertação. Obrigada por aceitar o meu pedido e fazer com muito carinho todas as considerações necessárias. Saiba que como sua aluna tinha sempre a sensação de estar com Paulo Freire, és fonte de sabedoria.

À Dra. Elaine Neuenfeldt, quem iniciou minha orientação e que por um belo motivo teve que ir embora, obrigada pelo carinho e pela preocupação.

Aos professores da EST, cada um do seu jeito, cada um com sua sabedoria acrescentou conhecimentos eternos.

Aos colegas da turma do Mestrado, tantas leituras, discussões, comidas e viagens, turma que deixou muita saudade.

À Nancy Caldas e Consuelo Sales pela grande contribuição do Programa Gestar. Obrigada pela ajuda e pela orientação.

Aos amigos Erick e Josane pela disponibilidade quando precisei chegar ao aeroporto num momento difícil.

Aos amigos Florisvaldo Santos e Madalena Braga pelo incentivo.

A todos os meus colegas dos Colégios por onde passei e recebi incentivo para viajar e estudar.

Aos meus alunos, sem vocês não teria sentido escrever esse trabalho.

Os que forem sábios, pois, resplandecerão como o fulgor do firmamento; e os que a muitos ensinam a justiça, refulgirão como as estrelas sempre e eternamente. [...] e o conhecimento se multiplicará.

(Daniel 12.3-4)

RESUMO

O presente estudo consiste numa narrativa reflexiva a partir das minhas experiências de formação e atuação profissional como docente de língua portuguesa da rede pública de ensino em Feira de Santana, na Bahia, com foco e enfoque no Programa *Um gestar em cada escola* (*Gestão de Aprendizagem Escolar – GESTAR*). Sob um viés crítico, analisando a importância da Educação Comunitária, o Ensino Religioso, as práticas pedagógicas e os saberes necessários para o ensino de língua materna a partir da visão do que é ser docente e sua relação com a construção de uma identidade profissional e sua dimensão. Este trabalho visa refletir a importância da formação e da atualização do docente, bem como ressaltar a postura pró-ativa de um docente pesquisador enfatizada pela pesquisadora Stella Maris Bortoni-Ricardo, buscando uma práxis que envolva competência, conhecimento das novas tecnologias, respeito, criatividade, análise crítica, trabalho em grupo e autonomia.

Palavras-Chave: Língua Portuguesa. Educação. Práticas Pedagógicas. Narrativa. Educação Comunitária.

ABSTRACT

This study is a reflective narrative of my experiences from training and professional work as a teacher of English in public schools in Feira de Santana, Bahia, with focus and focus on Program *A gestate in each school (Learning Management school - gestate)*. Under a critical bias, analyzing the importance of Community Education, Religious Education, teaching practice and knowledge needed for teaching language from the perspective of being a teacher and his relationship with the construction of a professional identity and its dimension. This work aims to reflect the importance of training and upgrading of teachers, as well as highlight the proactive stance of a teacher researcher emphasized by researcher Stella Maris Bortoni-Ricardo, seeking a praxis that involves skill, knowledge of new technologies, respect, creativity , critical analysis, teamwork and autonomy.

Keywords: Portuguese Language. Education. Pedagogical Practices. Narrative. Community Education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 LÍNGUA PORTUGUESA E EDUCAÇÃO: MARES NAVEGADOS, TERRA FIRME QUE SE BUSCA.....	15
1.1 Apanhado geral da história da língua portuguesa.....	15
1.2 Educação e a LDB	17
1.3 Educação comunitária: um olhar social.....	21
2 O DOCENTE DE LÍNGUA PORTUGUESA E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS	29
2.1 A escola de ontem x a escola de hoje	29
2.2 Ser docente: quando essa construção se inicia.....	30
2.3 Saberes indispensáveis para um docente de língua portuguesa.....	32
2.4 Docente Pesquisador.....	35
3 NARRATIVA DE UMA PROFESSORA DE LÍNGUA PORTUGUESA	
3.1 Memorial: caminhar para si, caminhar para um outro	
3.2 O texto religioso e sua influência em meu mundo leitor.....	44
3.2.1 História da escola bíblica dominical	46
4 O PROGRAMA UM GESTAR EM CADA ESCOLA	
4.1 Concepção do Programa Um Gestar em cada Escola	49
4.2 Experiências do Programa Um Gestar em cada Escola.....	53
4.3 Lições aprendidas na trajetória	64
CONCLUSÃO.....	67
REFERÊNCIAS	71

INTRODUÇÃO

Aqui tem início a junção entre o desejo e a realização de contar uma narrativa de vida envolvida numa eminente pesquisa bibliográfica que envolve Língua Portuguesa, Educação e Práticas Pedagógicas dentro de uma visão social libertadora.

Através da escrita é possível detalhar situações. Ao escrever, o autor e autora se revelam e contam que é, o que pensa, mesmo indiretamente. Ao se lançar na narrativa o sujeito tem contato consigo e o famoso lema de Sócrates “conhece-te a ti mesmo” traduz essa ideia, já que na narrativa a auto-análise acaba acontecendo.

O mundo de experiências relatadas por uma pessoa traduz o sentido de linguagem, pois desde que nascemos estamos mergulhados nela. Fazer uso da linguagem é utilizar a faculdade natural de uma língua, assim, a pessoa envolvida na práxis de uma narrativa tende a relatar passado, presente e futuro.

Hoje, não há dúvidas que oportunizar ao docente a prática de narrar nada mais é que possibilitar a esse profissional expor suas ideias, reinventar o mundo, por vezes recriar idéias, contar o que passou, relatar o que pensa e ainda revelar o que espera. É preciso ter em mente que todo ser humano é um guardador de histórias.

Esse resultado é importante, visto que na sociedade atual a tendência é a repetição, a perda da identidade, quase todos são parecidos/iguais. O docente é aquele que deve estimular o sujeito a buscar a sua própria identidade, sua essência. Conforme Leonardo Boff:

[...] temos uma identidade pessoal: cada um possui um nome próprio, porque cada um representa um ponto onde termina e se compendia o processo evolutivo. Pelo fato de ser consciente, cada um faz uma síntese singular, única, irrepitível de tudo o que capta, sente, entende e ama. Com os materiais acumulados em seu inconsciente coletivo e com aqueles recolhidos em seu consciente faz uma leitura e uma apreciação que só ele e ninguém mais pode fazer”. Por isso cada pessoa humana representa um absoluto concreto.¹

É com este olhar que me proponho a falar da Língua Portuguesa, da Educação, do ser docente e contar uma parte de mim, que se faz completude da minha vida. Ressalto que a escolha tem motivação numa real experiência de formação continuada experimentada no Programa *Um gestar em cada escola (Gestão de Aprendizagem Escolar – GESTAR)* realizada para os docentes de língua portuguesa da rede pública de ensino no estado da Bahia.

¹ BOFF, Leonardo. “Identidade e complexidade”. In: CASTRO, Gustavo e outros (Org.). *Ensaio de complexidade*. 3. ed., Porto Alegre: Sulina, 2002.

O Programa também nomeado *GESTAR II* surgiu como continuidade do programa para a formação de professores de Língua Portuguesa e Matemática das séries finais do Ensino Fundamental II (5ª a 8ª séries). Busca em seus encontros discutir e propor reflexões aos professores para que possam repensar o ensino e a aprendizagem da língua materna e de matemática (este último para os docentes de matemática). A partir daí, os docentes adquirem mais instrumentos para atuarem e intervirem de maneira significativa à vida do educando, proporcionando mudanças na sua realidade sócio-cultural.

Esta realidade sócio-cultural trabalhada no Programa Gestar é o viés para o encontro entre a educação escolar e a educação comunitária e é preciso pensar nessa estrutura, pois o docente, em específico o de língua materna, lida com o código, com a linguagem, com a maior expressão cultural de um povo: a sua língua. E não pode incorrer no risco de dar aulas apenas por dar para cumprir um currículo ou mesmo contemplar a grade curricular, é um trabalho de intensa pesquisa, onde a teoria conhece a prática e a prática conhece a teoria, evitando assim para não contribuir com o cenário apresentado com muita coerência por Saviani:

(...) a educação integral do homem, a qual deve cobrir todo o período da educação básica que vai do nascimento, com as creches, passa pela educação infantil, o ensino fundamental e se completa com a conclusão do ensino médio por volta dos dezessete anos, é uma educação de caráter desinteressado que, além do conhecimento da natureza e da cultura envolve as formas estéticas, a apreciação das coisas e das pessoas pelo que elas são em si mesmas, sem outro objetivo senão o de relacionar-se com elas (SAVIANI, 2000).

No obstante é importante ressaltar que nessa perspectiva o olhar do professor quando envolto em suas próprias experiências desperta um sentimento aguçado de que é possível ensinar, que a educação ainda continua sendo a porta de escape, de resgate social, e visualizá-la como o caminho de reinserção de grande valia.

Através da leitura, da escrita e da oralidade é possível descortinar o mundo do conhecimento, apresentar à criança, ao adolescente e ao jovem o caminho da educação que o levará para a trajetória profissional, sobretudo de espetacular moral, caráter e decência, mesmo com tanta violência e descrença que os noticiários apresentam e que são de fato cenas do cotidiano real dos menos favorecidos, numa sociedade que vem perdendo a guerra para as drogas. É importante realçar o olhar para o que Mário Osório Marque expressa:

Não basta entendermos a aprendizagem somente a partir de quem aprende. Importa entendê-la, igualmente, na atuação daquele com quem se aprende, ambos, o discente

e o docente, não relacionados em abstrato e no vazio, mas situados em lugares sociais específicos, como é a escola, sendo que a aprendizagem social precede às aprendizagens individuais em que se concretiza.

É com o fascínio do texto, com o contato da leitura e a escrita que tenho a oportunidade de conviver desde a minha infância, considero isso um privilégio, é que proponho essa dissertação que, para além de palavras difíceis ou tecnicamente perfeitas, me inspiro no maior escritor de cartas registradas na Bíblia Sagrada (o livro mais lido do mundo), o Apóstolo São Paulo, que em sua trajetória se dedicou a arte da linguagem e assim transpor desertos e mares através do texto escrito e registrou uma das mais belas, senão a mais bela entre todas as lições: a excelência do amor, que diz assim:

Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o címbalo que retine. E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria. E ainda que distribuísse todos os meus bens para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse amor, nada disso me aproveitaria. (I Coríntios 13.1-3)

A dissertação traz a seguinte estrutura: no primeiro capítulo é apresentada a história da língua portuguesa, um embasamento legal quanto à educação brasileira e um enfoque sobre a educação comunitária sob um olhar social.

No segundo capítulo, aborda de forma didático-pedagógica sobre o docente de língua portuguesa, suas práticas pedagógicas e saberes indispensáveis, com enfoque na formação e na atuação docente e com destaque para a estreita veiculação entre o ensino e a pesquisa.

O terceiro capítulo apresenta de maneira narrativa e autobiográfica o Memorial com minha trajetória de formação acadêmica e de atuação docente, inserindo uma carta pedagógica com reflexões sobre educação e docência, além da importância da educação religiosa e sua influência em meu mundo leitor.

No quarto capítulo, relata qual a concepção do Programa *Um gestar em cada escola (Gestão de Aprendizagem Escolar – GESTAR)*, enfocando a construção do portfólio e o projeto biblioteca na escola, com reflexões sobre lições aprendidas na trajetória de atuação como docente de língua portuguesa.

1 LÍNGUA PORTUGUESA E EDUCAÇÃO: MARES NAVEGADOS, TERRA FIRME QUE SE BUSCA

SONETO À LÍNGUA PORTUGUESA

*Havia luz pela amplidão suspensa
no azul do céu, vergéis e coqueirais...
e o Lácio, com fulgores divinais,
abrigava de uma virgem a presença...
Era um castelo de ouro, amor e crença,
que igual não houve, nem haverá jamais...
Onde os poetas encontraram ideais
na poesia nova, n'alegria imensa...*

*A virgem era a Língua portuguesa,
a mais formosa e divinal princesa,
vivendo nos vergéis de suave aroma!*

*Donzela meiga que, deixando o Lácio,
abandona os umbrais do seu palácio,
para ser de um povo o glorioso idioma!...*

(Waldin de Lima)

1.1 Apanhado geral da história da língua portuguesa

O português desenvolveu-se na parte ocidental da Península Ibérica do latim falado trazido pelos soldados romanos desde o século III a.C.. A língua começou a diferenciar-se das outras línguas românicas depois da queda do Império Romano e das invasões bárbaras no século V. Começou a ser usada em documentos escritos cerca do século IX, e no século XV já se tinha tornado uma língua com uma literatura rica.

O Português Brasileiro é fruto, ou melhor, descende do Europeu. É na complicada interação com a língua do colonizador, aquela cheia de prestígio, poder e força real e religiosa, somada ao grande número das línguas indígenas já existentes no território, da influência do tráfico de negros que também trouxe outras tantas línguas da África, além da forte corrente migratória dos europeus e asiáticos que trouxeram suas fortes influências linguísticas, que se constituiu o Brasil mergulhado no multilinguismo.

Segundo Rosa Virgínia Mattos e Silva, pode-se afirmar, com certa margem de segurança, que até meados do século XVIII o multilinguismo generalizado caracteriza o território brasileiro, até certo ponto freado pelas leis pombalinas de política linguística dos

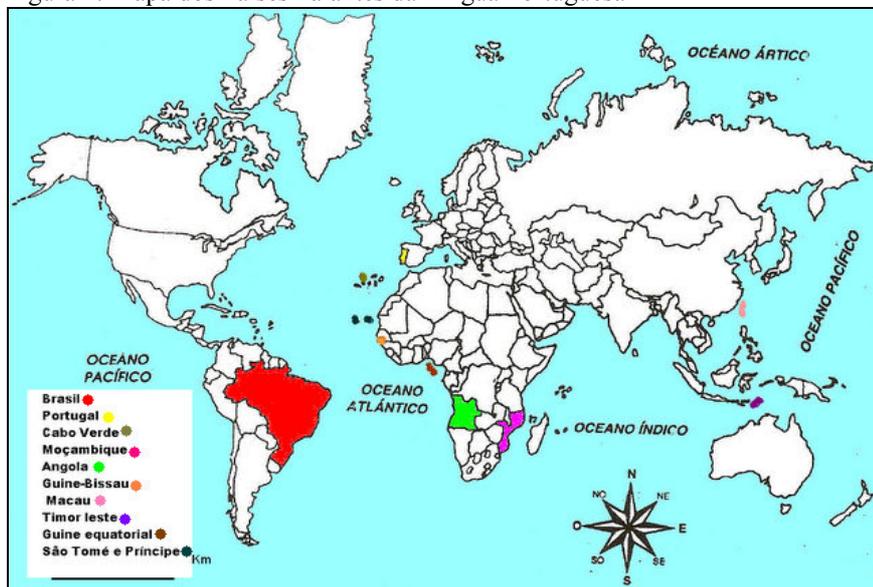
meados do século XVIII. O multilinguismo perdura ainda hoje, apesar de a língua portuguesa ser a *língua oficial* majoritária no Brasil.²

São mais de quinhentos anos desde o “achamento”, parece muito, mas é pouco tempo para organização dessa grande Babel linguística, mas toda essa construção história delineou o formato da língua portuguesa dos brasileiros.

Atualmente, o português é língua oficial de oito países (Portugal, Brasil, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Timor Leste). Não se pode negar a incorporação de vocábulos nativos e de modificações gramaticais e de pronúncia próprias de cada país, estas ações frutos da miscigenação, porém as línguas mantêm uma unidade com o português de Portugal.

O português também é falado em pequenas comunidades que são resultados de povoadamentos portugueses datados do século XVI, a exemplo de: Zanzibar (na Tanzânia, costa oriental da África); Macau (ex-possessão portuguesa encravada na China); Goa, Diu, Damão (na Índia); Málaca (na Malásia). A Língua Portuguesa se faz presente em todos os continentes, basta observar o mapa mundi com os países falantes da língua portuguesa.

Figura 1: Mapa dos Países Falantes da Língua Portuguesa



Fonte: <http://jornaldalingua.blogspot.com.br/2012/08/blog-post.html>

² MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Da sócio-história do Português Brasileiro para o ensino do português no Brasil hoje. In: AZEREDO, J. C. (Org.). *Língua portuguesa em debate*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 19-33.

Nesse universo de falantes, é perceptível que o Brasil, sem dúvida, é a maior comunidade de posse da língua portuguesa, é preciso pensar também na diversidade de textos escritos que são produzidos ao longo do tempo não só pelos brasileiros como em todos os lugares onde a língua tem seu espaço de atuação.

Mas o que é essa língua? Ela representa um povo, é o código principal de uma Nação. É a linguagem que mais precisamente distingue o ser humano dos outros animais, através dela construímos a nossa sociedade, cultura, língua - ela promove a interação social.

A linguagem que é qualquer e todo sistema de signos que serve de comunicação, pode ser verbal (uso de palavras) e não-verbal (uso de outros códigos, desenho, dança, som, gestos).

As variedades linguísticas impossibilitam a limitação do significado das palavras. A língua é viva e dinâmica, muda. A junção do significante (que é o conceito, a parte concreta, com sons ou letras e perceptível através dos sentidos) com o significado (imagem sonora, que é a ideia formada, a imagem que se tem na mente).

O estudo da língua portuguesa pelos falantes brasileiros tem sido o foco de muitos estudos e objeto de pesquisas de quem compreende e se propõe a desvendar as complexidades e as diversidades que a língua materna oferece aos professores e aos alunos, visto que o vernáculo incompletude define o que é essa língua devido à capacidade criadora dos seus falantes.

1.2 Educação e a LDB

Educação. A etimologia da palavra, que foi dicionarizada em português no século XVII, é latina: *educatio*, sinônimo de ação de criar ou de nutrir, cultura, cultivo. Designa um ato ou um processo e um efeito.

O dicionário Wikipédia referenda que a educação engloba os processos de *ensinar e aprender*.³ É um fenômeno observado em qualquer sociedade e nos grupos constitutivos destas, responsável pela sua manutenção e perpetuação a partir da transposição, às gerações que se seguem, dos modos culturais de ser, estar e agir necessários à convivência e ao

³ WIKIPÉDIA: a enciclopédia de todos. Verbete: Educação. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Educa%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 15 abr. 2012.

ajustamento de um membro no seu grupo ou sociedade. Enquanto processo de sociabilização, a educação é exercida nos diversos espaços de convívio social, seja para a adequação do indivíduo à sociedade, do indivíduo ao grupo ou dos grupos à sociedade.

Ao se falar em lei o que se resgata da memória é que se trata de um assunto técnico, essencialmente administrativo e com muita burocracia. Principalmente para a educação, que é vista como sendo regida muito mais por princípios, teorias e estudos dos cientistas da educação, entretanto as leis promulgam a educação como qualquer segmento, mas que exige o olhar e o fazer pedagógicos, uma prática que visa à formação do cidadão com suas habilidades desenvolvidas e pensamentos e atitudes autônomas.

Importante ressaltar que independente da disciplina lecionada ou função exercida num ambiente seja formativo escolar ou não, a educação é direito e função de todos e para todos, basta observar o que a Constituição Federal Art. 205 da Constituição Brasileira de 1988, Art. 2º da LDB apresenta: “A educação direito de todos e do dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando do pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.⁴

No Brasil, a educação é regulamentada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN. A primeira LDB foi criada em 1961, depois surgiu uma outra versão em 1971, que vigorou até a promulgação da mais atual em 1996.

A atual LDB (Lei 9394/96) é baseada no princípio do direito à educação para todos. Caracteriza-se também na gestão democrática de ensino público e progressiva autonomia pedagógica e administrativa das unidades escolares.

A LDB traz em seu artigo primeiro a afirmação de que a educação absorve os diversos processos formativos e que se desenvolve em diversos espaços desde o convívio familiar, passando por quaisquer ambientes de convivência humana, seja rua, bairro, cidade, nos movimentos sociais e nesse contexto a escola também está efetivamente inserida.

A partir dessa afirmação a LDB deixa clara a necessidade de o professor ter um olhar ampliado para a diversidade e de que conviverá com o diferente, sendo assim, o professor não poderá desconhecer as diferenças no seu planejamento.

⁴ BRASIL. Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos. *Lei n. 9.394*, de 20 de dezembro de 1996, que Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 21 set. 2012.

Atualmente a educação brasileira se encontra dividida em dois níveis de ensino: a educação básica formada pela Educação Infantil, Ensino Fundamental e o Ensino Médio, e o Ensino Superior que compreende o Ensino Superior e de Pós-Graduação.

A Educação Básica é o principal foco das ações de mobilização social pela educação, tem a finalidade de “desenvolver o educando na formação no exercício da cidadania, fornecendo meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores”.⁵

A Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica, é oferecida em creches para crianças de até 3 anos de idade e em pré-escolas para crianças de 4 a 6 anos. Tem a finalidade de desenvolvimento integral da criança em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social tendo parceria da ação familiar e da comunidade no processo educacional. A duração mínima é de nove anos, uma ampliação de 2005, é obrigatório e gratuito na escola pública.

O ensino fundamental com duração mínima de oito anos é obrigatório e gratuito na escola pública, cabendo ao Poder Público garantir sua oferta para todos, inclusive aos que não tiveram acesso na idade própria. Tem por objetivo a formação básica do cidadão como o desenvolvimento da capacidade de aprender, sendo assim o educando com pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo como rege a LDB.

O Ensino Médio, por sua vez, é a etapa final da educação básica tem duração de três anos e atende a formação geral do educando, podendo incluir programas de preparação geral para o trabalho, habilitação profissional incluindo também a formação ética e desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico. O ensino médio atende também a formação geral do educando, podendo prepará-lo para o exercício de profissões técnicas.

A Educação de Jovens e Adultos é destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria. Dentro da modalidade de EJA há o programa Brasil Alfabetizado dedicado à alfabetização de jovens e adultos. O programa representa um portal de entrada para a cidadania, com isso vem elevando a escolarização de jovens e adultos, promovendo o acesso à educação como um direito de todos em qualquer idade e momento da vida.

⁵ BRASIL, 1996, Art. 22.

A Educação Superior abrange os cursos de graduação nas diferentes áreas profissionais, abertos a candidatos que tenham concluído o Ensino Médio ou equivalente e tenham sido classificados em processos seletivos. Também faz parte desse nível o ensino de Pós-Graduação compreendendo programas de mestrado e doutorado, cursos de especialização, aperfeiçoamento e outros, abertos a graduados e que atendam às exigências das instituições de ensino conforme assegura a LDB Art. 44.

A Educação Superior tem a finalidade de estimular a criação cultural e o desenvolvimento científico e do pensamento reflexivo, cabendo formar também cidadãos nas diferentes áreas de conhecimento.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional estabeleceu regras mínimas para o regime de colaboração e colocou como obrigação dos estados definirem, com municípios, a apropriação na responsabilidade concorrente na educação fundamental, de modo a assegurar distribuição proporcional da responsabilidade.

A LDB não regulamentou uma distribuição proporcional, relacionada à população atendida e aos recursos disponíveis, ou seja, à capacidade de cada ente de atender a população, por isso recorre-se à Carta Magna do Brasil, a Constituição Federal.

A Constituição determina que a União, os estados, o Distrito Federal e os municípios têm de se organizar para a oferta da Educação. Entre as obrigações estabelecidas para a União estão o financiamento das instituições de ensino públicas federais e a redistribuição de recursos para garantir oportunidades educacionais com um padrão mínimo de qualidade para todos.

Os Estados e o Distrito Federal devem atuar prioritariamente no Ensino Fundamental e no Médio. Já os municípios, no Ensino Fundamental e na Educação Infantil e parece haver, pelo texto da Constituição, uma sobreposição: tanto estados quanto municípios são responsáveis pelo Ensino Fundamental e, se não houver um regime estabelecendo as funções de cada ente, a qualidade da Educação ofertada corre riscos. Estados e municípios devem aplicar, obrigatoriamente, no mínimo 25% das receitas de impostos na Educação.

A educação brasileira passou por grandes transformações nas últimas décadas, que tiveram como resultado uma ampliação significativa do número de pessoas que têm acesso a escolas, mas, apesar de ter expandido seu sistema educacional em todos os níveis, o Brasil apresenta grandes dificuldades em melhorar sua qualidade e sua eficiência, tais como:

desenvolver a competência, o uso eficiente dos recursos públicos e a criação de mecanismos efetivos para corrigir os problemas de iniquidade econômica e social.

1.3 Educação comunitária: um olhar social

A Educação Comunitária é entendida como aquela praticada pelos diversos grupos sociais que atendem as populações de baixa renda. É também conhecida como a educação para a cidadania, pois traz a concepção da educação do povo, para o povo.

Estimular a visão crítica do mundo, bem como a apropriação dos sujeitos aos seus direitos e deveres são pilares importantes que sustentam a Educação Comunitária. As dimensões que a envolvem perpassam pela necessidade de melhoria de vida das comunidades pobres, numa percepção de dar voz e vez aos excluídos, promovendo valores da cidadania e da democracia.

A cidadania conceituada como o conjunto de direitos e deveres ao qual um indivíduo está sujeito em relação à sociedade em que vive, designa os direitos relativos ao cidadão. Entretanto, ao longo da história, o conceito de cidadania foi ampliado, passando a englobar diversos valores sociais que determinam o conjunto de deveres e direitos de um cidadão, podendo assim dizer que a cidadania é o direito de ter direito.

Mas a multidimensionalidade característica dos dias atuais amplia essa visão de cidadania, não apenas para vê-la de dentro das relações sociais e políticas e sim passar a inseri-la a partir do desenvolvimento de condições físicas, psíquicas, cognitivas, ideológicas, científicas e culturais das pessoas. Não obstante é preciso levar em conta que esta tarefa não é simples, pois educar a todos nessa perspectiva é um fazer pautado no que expressa o Dr. Ulisses Araújo: “na democracia, na justiça, na igualdade, na equidade e na participação ativa de todos os membros da sociedade nas decisões sobre seus rumos”.⁶

Importante englobar nessa visão que a educação deve proporcionar o desenvolvimento de competências para o lidar do sujeito consigo mesmo e com todos que estão em seu entorno, isso inclui as diversidades de pensamento, cultura e todos os sentimentos que as relações proporcionam.

⁶ LODI, Lucia Helena; ARAÚJO, Ulisses F. *Ética, cidadania e educação*. In: *Ética e cidadania: construindo valores na escola e na sociedade*/Secretaria de Educação Básica, Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. p. 11

A democracia que vem do grego *demos+kratos*, ou seja, poder do povo, junto à cidadania são valores que estão interrelacionados à educação comunitária, pois buscam uma concretização da efetiva vivência que garanta vida digna e participação na vida política e pública para todos os seres humanos e isso inclui a escola como espaço coletivo e social de aprendizagens significativas.

Importante ressaltar que os valores não nascem nos sujeitos, mas são incorporados em seu cotidiano, são construídos nas relações interpessoais, na efetiva relação de um sujeito com o outro, diferente de si. Vale salientar que democracia e cidadania caminham com dois conceitos fundamentais: inclusão e direitos humanos.

A inclusão traz em seu bojo a construção de sociedades e escolas inclusivas, abertas para as diferenças e com igual oportunidade para todos e todas. Ao visar à democracia e a cidadania inserem-se nesse processo estratégias que reflitam ações de melhorias de vida, construção de valores éticos, sobretudo focalizados na escola.

Ainda nessa perspectiva é importante ressaltar que os Direitos Humanos são os direitos e as liberdades básicos de todos os seres humanos. Em 1948, a Declaração Universal dos Direitos Humanos foi promulgada, num contexto da segunda Guerra Mundial. Desde então, a visão tem sido ampliada para a ideia de liberdade de pensamento e expressão, bem como igualdade diante da lei.⁷

Jacques Delors coordenou o relatório, pela Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI, da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), com a qual colaboraram educadores do mundo inteiro.⁸

Nesse relatório, a Educação Comunitária que tem em suas bases a construção de valores de cidadania e a democracia encontra o reflexo do seu pensamento com muita pertinência, pois a cooperação entre a comunidade e a escola está presente no documento.

No relatório, a educação tem por objetivo criar vínculos sociais entre as pessoas com a sua origem em referências em comum. Ainda endossa que o objetivo essencial é o desenvolvimento do ser humano na sua dimensão social.

⁷ Declaração Universal dos Direitos Humanos. In: *Ética e cidadania: construindo valores na escola e na sociedade*/Secretaria de Educação Básica, Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

⁸ DELORS, Jacques et al. *Educação: um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. São Paulo: Cortez, 1998.

A educação para a tolerância e para o respeito ao outro é vista como condição necessária à democracia e, quando se trata de crianças e adolescentes que no registro histórico sofreram as mazelas da discriminação, exploração sexual e escravidão, torna-se fator indispensável para que o Estatuto da Criança e do Adolescente tenha efetiva execução e garantia dos direitos fundamentais a exemplo da integridade física, moral e psicológica e a educação.

O documento ainda expressa que a educação básica é o passaporte para a vida, fundamentando essa idéia com dados alarmantes do trabalho infantil. Sendo a educação formal ou não-formal, o importante é que dela resulte o benefício da escolha do que se quer fazer e na construção do futuro coletivo. No relatório, Delors explana sobre os quatro pilares do conhecimento e atribui à educação a difícil tarefa de fornecer os caminhos de um mundo tão agitado e complexo.⁹

O relatório explicita que a educação ao longo de toda a vida não é um ideal longínquo, mas uma realidade com forte tendência. Basta observar que o progresso científico e toda alteração tecnológica transformam os saberes obsoletos com rapidez exigindo formação permanente no mundo do trabalho que é também um espaço privilegiado de educação e neste cabe trazer a Universidade como colaboradora, uma ponte na construção de novas aprendizagens. Vale salientar que o indivíduo necessita conduzir o seu caminho, convivendo com as inúmeras alterações que a globalização proporciona, não deixando de observar as mudanças nas relações interpessoais, no tempo e espaço. Assim relata Delors:

O conceito de educação ao longo de toda a vida é a chave que abre as portas do século XXI. Ultrapassa a distinção tradicional entre educação inicial e educação permanente. Aproxima-se de um outro conceito proposto com frequência: o da sociedade educativa, onde tudo pode ser ocasião para aprender e desenvolver os próprios talentos.¹⁰

A educação básica, tão importante na formação do sujeito, precisa ser bem-sucedida, é necessário continuar a aprender, quanto mais formação se tem, melhor. Entretanto, esse desejo deve ser correspondido com um sistema que de fato funcione. A educação deve

⁹ DELORS, 1998, p. 89-102.

¹⁰ DELORS, 1998, p. 102.

proporcionar novas oportunidades àqueles que por algum motivo não conseguiram o sucesso, é o princípio da igualdade de oportunidades.

A visão pluridimensional alicerça a educação ao longo de toda vida, pois diz respeito à capacidade de discernir e agir, tomar consciência de si e do meio que o envolve, bem como atuar no papel social. Sobretudo, é importante refletir sobre os saberes necessários para a vivência dessa educação: saber fazer para construir competências que ampliem as relações; saber conhecer para se beneficiar das oportunidades oferecidas; saber viver para desenvolver a compreensão do outro e da percepção da interdependência e saber ser para o desenvolvimento da personalidade, autonomia.

A presença da família nesse processo educativo é indiscutível, pois é o primeiro lugar de contato social, de transmissão de cultura, valores, normas, bem como a ligação afetiva. Sendo assim, a escola precisa caminhar com a família, o diálogo precisa se efetivar envolvendo professores, pais, direção e coordenação, pois, quando a família valoriza a aprendizagem, estimula no filho o mesmo.

A educação ao longo de toda a vida é apresentada como a bússola que indica a direção da educação do século XXI pois mostra que todos os caminhos de aprendizagens que a sociedade oferece podem ser aproveitados, ultrapassa os limites da educação formal, pois qualquer ocasião é um momento para se aprender.

Mas, toda a perspectiva de abertura traz também a necessidade de repensar e analisar, bem como saber organizar os espaços para uma nova proposta. É necessário observar as estruturas pedagógicas da visão planetária para as escolas e as igrejas.

O movimento planetário e globalizado característico do século XXI, pode causar ruptura entre os que querem tais mudanças e os que não aceitam. Diante disso, a base pedagógica deve estar preparada para buscar equilíbrio na vivência de situações dicotômicas tais como: as diferenças de oportunidades e a competição, o individual e o coletivo, o novo e a tradição e ainda a dualidade entre espiritual e material.

As bases das escolas e das igrejas necessitarão da educação que assegure a tarefa universal de ajudar a compreender o mundo e o outro, diferente de si mesmo. Exigirá também o respeito à grande variedade de situações econômicas, sociais e culturais, o que evidentemente irá suscitar diversas formas de desenvolvimento da educação. Esta é uma importante decisão para que as mudanças não provoquem discórdias e revoltas, mas

disponibilize o aprofundamento das ideias propostas e proporcione na execução da estrutura o diálogo na busca de maior compreensão mútua.

A práxis pedagógica deve preocupar-se em desenvolvê-los, pois serão importantes para cada indivíduo os pilares do conhecimento: aprender a conhecer, para tal é preciso combinar uma cultura geral e vasta e dar abertura para o conhecimento, que verdadeiramente liberta da ignorância; aprender a fazer com ações que não fiquem apenas no âmbito da qualificação profissional, ampliar competências para executar, correr riscos, errar mesmo na busca de acertar e desenvolver ensino alternado com o trabalho; aprender a conviver desenvolvendo projetos comuns que tragam o desafio da convivência que envolva o respeito a todos, o exercício da fraternidade como caminho do entendimento, a aceitação do pluralismo dos valores, além da compreensão mútua e a busca da paz; e, finalmente, aprender a ser com ações que não negligenciem as potencialidades do indivíduo e isso inclui práticas com a memória, sentido, aptidões físicas, saber comunicar onde é explicitado o papel do cidadão e o objetivo de viver, sabendo agir cada vez mais utilizando a autonomia. Pensar no que reflete Morin:

A educação deve contribuir para a autoformação da pessoa (ensinar a assumir a condição humana, ensinar a viver) e ensinar como se tornar cidadão. Um cidadão é definido, em uma democracia, por sua solidariedade e responsabilidade em relação a sua pátria. O que supõe nele o enraizamento de sua identidade nacional.¹¹

As práticas pedagógicas necessitam ser redefinidas em suas concepções engessadas e privilegiar outras formas de aprendizagens, não atendendo apenas ao conhecimento das estruturas educativas formais, pois a educação toma cada vez mais espaço na vida das pessoas e à luz das idéias já percorridas, a educação precisa ser concebida como um todo e neste todo o sentimento de pertença a um povo, a uma nação precisam estar imbricados nas ações.

Dentro desse panorama, apontar possíveis omissões ao fazer uma busca neste documento, não é fácil, visto que trata desde o local ao global, da compreensão do mundo e a do outro, da coesão social, da participação democrática, da educação básica à universidade, denuncia a exploração do trabalho infantil, enfatiza as buscas dos professores, perpassando pelo papel do político.

¹¹ MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009. p. 65.

Sendo assim, o relatório se propõe a dar à educação o papel de protagonista e representa a síntese do pensamento pedagógico oficial da humanidade. Enfim, as inserções serão necessárias e devem ser feitas ao longo da trajetória, pois a educação não acontece numa única fase da vida ou num único lugar, a educação ao longo da vida pressupõe mudanças e muita coragem.

É preciso pensar e agir como Paulo Freire que, baseado em suas próprias experiências, revolucionou a ação educativa a partir do diálogo, leitura do mundo que precede a leitura da palavra, a pedagogia libertária e não bancária, para além de regras e currículos formais, a visão freireana alargada por uma experiência de exílio traduz o modelo genuinamente popular a ser seguido e que transforme a realidade a partir do protagonismo de cada sujeito.

A tradução de Escola para Paulo Freire não significava uma estrutura física atraente ou mesmo um currículo impecável, importava para o Mestre, sobretudo, que não fosse um lugar solto no espaço, um lugar qualquer e sim envolvida no contexto social, político e econômico, já que os sujeitos que a compõem vem e vão de um entorno.

Eis a Escola de Paulo Freire,

ESCOLA

Escola é...o lugar onde se faz amigos
 não se trata só de prédios, salas, quadros, programas,
 horários, conceitos...
 Escola é, sobretudo, gente, gente que trabalha, que estuda, que se alegra, se conhece,
 se estima.
 O diretor é gente, o coordenador é gente, o professor é gente, o aluno é gente, cada
 funcionário é gente.
 E a escola será cada vez melhor na medida em que cada um se comporte como
 colega, amigo, irmão.
 Nada de 'ilha cercada de gente por todos os lados'.
 Nada de conviver com as pessoas e depois descobrir que não tem amizade a
 ninguém nada de ser como o tijolo que forma a parede, indiferente, frio, só.
 Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar, é também criar laços de
 amizade, é criar ambiente de camaradagem, é conviver, é se 'amarrar nela'!
 Ora, é lógico... numa escola assim vai ser fácil estudar, trabalhar, crescer, fazer
 amigos, educar-se, ser feliz.¹²

A construção de valores de democracia e cidadania na Educação Comunitária é um processo constante, pois existe o legado histórico de colonização e escravidão. Porém, com a propagação e a luta efetiva de vários grupos sociais, é possível perceber a ampliação dos espaços educacionais em que se incorpora a comunidade como espaço de aprendizagem,

¹² Citado por KETZER, Solange Medina. A graduação e os desafios da formação do educador do século XXI. *Educação*, Porto Alegre/RS, ano XXX, n. especial, p. 35-45, out. 2007.

promovendo a aproximação desta com a escola, levando a educação focada nos valores éticos e democráticos.

2 O DOCENTE DE LÍNGUA PORTUGUESA E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais [...].

(Rubem Alves)

2.1 A escola de ontem x a escola de hoje

Nas décadas de 60 e 70, o Brasil pendia para alguns momentos de crise social, de identidade, econômica e social. E a educação, em todos os contextos históricos, também faz parte de mudanças, de ressignificações, de ajustes e de mais estudos e ideias que tendem a inovar, no sentido de romper com o que era, com que se estabelecera em todas as épocas.

Nesta relação de ensino-aprendizagem, a prática era controlada pelo professor e a ação pedagógica trabalhada numa perspectiva rígida.

Era notável a ausência de dialética do professor-conteúdo, pois as exigências dos cumprimentos dos programas oficiais atendiam às expectativas de um pragmatismo utilitário.

É perceptível que o ambiente escolar não é mais o mesmo do tempo dos pais, tampouco da era em que hoje o atual professor era o aluno. Uma escola cuja pedagogia tradicional abarcava a ação pedagógica e de ensino voltada na exposição do conhecimento que o professor trazia.

O professor, nesse sentido, era o detentor do poder e do saber, corrigindo e ensinando a matéria e transmitindo os conteúdos seguindo uma sequência fixa e predeterminada, sem entender ou enfatizar a contextualização dos conteúdos.

Na relação professor-aluno, a autoridade do professor era a que predominava, sem falar a seleção dos conteúdos, que correspondia aos valores e conhecimentos acumulados, sobretudo, de gerações anteriores.

Segundo Libâneo, o professor, neste contexto, transmitia o conteúdo como uma verdade a ser absorvida.¹³ Hoje diante da Pedagogia Crítica, a educação é exercida a partir de atividades onde professores e alunos são mediados pela realidade em que aprendem e da forma que os conteúdos são absorvidos ou extraídos.

¹³ LIBÂNEO, J. C. Tendências Pedagógicas na prática escolar. *Revista da Associação Nacional de Educação, ANDE*, 3:11-19. 1983.

Para tanto, há a permanência do diálogo, das discussões sem que o que seja apreendido seja por imposição ou memorização.

Cabe aqui também referir o relato em nível social que a Pedagogia Crítica poderá promover dados elencados abaixo a ver: uma elevação intelectual de uma sociedade que deixa de estar inerte a situações e as Tecnologias da Informação e Comunicação e a internet sendo e fazendo sentido e trazendo informações das principais questões que emergem do mundo em sua complexidade.

A educação de hoje pressupõe o envolvimento com a tecnologia e suas ferramentas: internet, facebook, twitter, blogs e nesse aparato tecnológico a informação chega numa velocidade assustadora. Entretanto, o docente não pode nunca perder o encantamento da sala de aula, mas deverá se adaptar aos novos instrumentos que já nascem com os alunos. O professor deve ser, conforme Xavier:¹⁴

- pesquisador, não mais repetidor de informação;
- articulador do saber, não mais fornecedor único do conhecimento;
- gestor de aprendizagens, não mais instrutor de regras;
- consultor que sugere, não mais chefe autoritário que manda;
- motivador da “aprendizagem pela descoberta”, não mais avaliador de informações empacotadas a serem assimiladas e reproduzidas pelo aluno

O professor que toma posse dessa nova percepção e internaliza a consciência virtual adequar-se-á facilmente as demandas cognitivas dos atuais aprendentes desta sociedade cada vez mais globalizada e ao mesmo tempo fragmentada.

2.2 Ser docente: quando essa construção se inicia

O professor é ser humano, profissional que estuda e se habilita para transformar conteúdos em conhecimentos práticos; sua função básica perpassa pela contribuição no processo de ensino e aprendizagem.

Além do seu fundamental papel na docência também recebe a designação de participar e elaborar o plano escolar, que envolve planejamentos diários, de curso e contribui para elaboração do Projeto Político Pedagógico da Unidade Escolar, o PPP, que é um

¹⁴ XAVIER, Antonio Carlos. Letramento digital e ensino. In: FERRAZ, C.; MENDONÇA, M. Alfabetização e letramento: conceitos e relações. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

documento que propõe uma direção política e pedagógica com formulações de metas e ações para o trabalho escolar.

Ainda dentro das atribuições do professor: a decisão nos conselhos de escola, de classe, participação nas reuniões de pais e dos momentos cívicos, culturais e recreativos que quase sempre envolvem a comunidade entorno da Escola. A identidade do professor emerge em vários constructos, como explicita Selma Garrido Pimenta.

Uma identidade profissional se constrói a partir da significação social da profissão; da revisão constante dos significados sociais da profissão; da revisão das tradições. Mas também da reafirmação das práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas.¹⁵

Uma afirmação deve estar clara para quem está numa sala de aula: “Sou Professor”, é preciso assumir essa identidade, entretanto a crise instaurada em meio ao mundo globalizado, tão efêmero e inconstante, traz à baila a crise identitária profissional.

Na dissertação de Mônica Maria dos Santos¹⁶ é apresentada pertinente visão do tema somada a um esclarecimento sob o olhar de um grande teórico: O que é ser docente hoje é uma questão discutida por Nóvoa,¹⁷ ele destaca a importância dos três “A”, que desenham o percurso dessa profissão e são eles: o A de Adesão – fator preponderante, pois o professor necessita aderir aos projetos que envolvam a revelações de valores, das potencialidades, habilidades e as competências dos alunos, para quem o professor direciona suas práticas. A de Ação – que vai desde o planejamento, a escolha e a organização de conteúdos, a tomada de decisão de qual caminho a seguir nas suas atividades pedagógicas expressam a ideologia pessoal e a ideologia profissional. E o terceiro A, o de Autoconsciência – que tem relação com a reflexão sempre acompanhada da ação, fruto então do cuidado que o professor precisa ter a habituar-se a desenvolver sobre a sua vida profissional, incisiva para a sua prática. Toda e qualquer mudança de decisão e de direção precisa estar embasada nessa busca reflexiva.

¹⁵ PIMENTA, Selma Garrido (Org.) *Saberes pedagógicos e atividade docente*. São Paulo. Cortez. 1999. p. 19.

¹⁶ SANTOS, Mônica Maria dos. E agora professor? Professor para onde? Auto, eco e co-formação: caminhos para ressignificação da identidade profissional docente. Dissertação. 158 f. (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Salvador, 2010.

¹⁷ NÓVOA, António. A formação tem de passar por aqui: as histórias de vida no projeto Prosalus. In: NÓVOA, A; FINGER, Matthias (Org.). O método (auto)biográfico e a formação. Lisboa: Ministério da Saúde, Departamento de Recursos Humanos da Saúde, 2003. p. 109-130.

Ser docente não acontece instantaneamente, é uma construção elaborada a partir de muitas vivências, acertos e erros, sucessos e fracassos, paz e conflitos, não é possível mais se emoldurar dentro de uma pedagogia como verdade absoluta e irredutível para criar um modelo indestrutível. A ação-reflexão-ação é o que permite ser um professor, pois o avanço contínuo do saber é algo real. Segundo Brzeezinski:

As transformações que vão ocorrendo por toda a vida dos professores poderão levá-lo a atingir condições ideais que garantam um exercício profissional de qualidade. Tal processo conduz à profissionalização, pois essa poderá ser atingida mediante um movimento em direção ao aperfeiçoamento das condições para atingir um elevado status e valorização social que são determinantes para a profissionalidade e o profissional docente.¹⁸

Porém, para que essa assertiva se torne real é urgente pensar nos currículos dos Cursos de Licenciaturas, desde a estrutura curricular, seleção de docentes e a inserção de disciplinas da Educação, perpassando ainda nas práticas ao longo dos estudos, pois o que se vê são cursos com visão de bacharelado intitulado de licenciatura.

A construção dessa profissionalidade deve ser iniciada tão logo as primeiras aulas do curso aconteçam, as práticas dos professores precisam ecoar ações do ser professor para formar professor. Também é urgente que as instituições invistam nas atividades de estágios em sala de sala, promovendo o contato com o espaço educativo, para assim se concretizar a prática docente na formação do caráter docente. Pimenta afirma: “Os profissionais da educação, em contato com os saberes sobre a educação, em contato com os saberes sobre a educação e sobre a pedagogia, podem encontrar instrumentos para se interrogar e alimentarem suas práticas, confrontado-as”.¹⁹

É no contato com o ambiente educativo que os saberes são fomentados, por isso a socialização de experiências, pesquisas, atividade, projetos desenvolvidos nas e pelas escolas é fundamental, numa aproximação entre professores regentes e licenciados é salutar para a construção do ser professor.

2.3 Saberes indispensáveis para um docente de língua portuguesa

Ao pensar nos saberes indispensáveis o docente de Língua Portuguesa precisa refletir se as práticas são inadequadas e irrelevantes no tocante ao ensino da língua materna. Irlandé

¹⁸ BREZEZINSKI, Iria (Org.). *Profissão Professor: Identidades profissionalização docente*. Brasília: Plano editora, 2002. p. 10.

¹⁹ PIMENTA, Selma Garrido (Org.). *Saberes pedagógicos e atividade docente*. São Paulo. Cortez. 1999. p. 26.

Antunes enfatiza que mesmo com a construção de novas perspectivas em torno da língua, ainda é possível constatar que práticas inadequadas e irrelevantes ainda persistem.²⁰

A grande preocupação gira em torno da melhor maneira que o professor pode buscar para a realização satisfatória da exploração firme e consistente do fenômeno linguístico, pois é justamente a articulação da comunicação que proporciona ao sujeito sua participação social, a voz, a comunicação e a linguagem proporcionam essa condição.

Antunes faz um convite ao professor de língua portuguesa a virar a página das antigas práticas pedagógicas, mas com determinação, vontade e empenho e para isso propõe uma ação ampla, fundamentada, planejada, sistemática e participada, que envolve desde a vontade do professor e vai para as esferas públicas.

Nesse grande desafio de rever e de reorientar a prática do ensino de língua materna a linguista apresenta um conjunto de princípios que podem respaldar um fazer pedagógico significativo. Eis os princípios:

1. Explorando a escrita

De acordo com Antunes, a escrita:

[...] como toda atividade interativa, implica uma relação cooperativa entre duas ou mais pessoas [...] varia na sua forma em decorrência das diferenças de função que se propõe cumprir e, conseqüentemente, em decorrência dos diversos gêneros em que se realiza [...] enquanto sistema de codificação, é regida por convenções gráficas, oficialmente impostas.²¹

É no contato com a experiência da escrita que o aluno vai conquistando a maturidade, absorvendo uma conquista que é acessível para todos, mas não se pode conquistar essa maturidade sem esforço, sem atividade de aprendizagem, com rasuras e novas tentativas.

A pesquisadora esclarece que o docente de português deve intervir buscando as seguintes características: uma escrita de autoria também dos discentes; uma escrita de texto com vínculos comunicativos; uma escrita de textos socialmente relevantes; uma escrita funcional diversificada; uma escrita de textos que tem leitores; uma escrita contextualmente adequada; uma escrita metodologicamente ajustada; uma escrita orientada para a coerência

²⁰ ANTUNES, Irlandé. Aula de Português: encontro e interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003 – (Série Aula; 1).

²¹ ANTUNES, 2003, p. 37.

global e uma escrita adequada também em sua forma de apresentar com o devido com a ortografia, os sinais de pontuação.

2. Explorando a escrita

A leitura para Antunes:

[...] é parte da interação verbal escrita, enquanto implica a participação cooperativa do leitor na interpretação e na reconstrução do sentido e das intenções pretendidas pelo autor... é uma atividade de acesso ao conhecimento produzido, ao prazer estético e, ainda, uma atividade de acesso às especificidades da escrita... depende não apenas do contexto lingüístico do texto, mas também do contexto extralingüístico de sua produção e circulação.²²

A ideia de que aquele que faz leitura é capaz de viajar para qualquer lugar e criar o que desejar é bastante conhecida de todos, mas é preciso olhar para a leitura como uma atividade mais profunda, é ela que completa a atividade de escrita, favorece o repertório de informação, traz a experiência do deleitar-se, apreende-se vocabulários específicos,.

Por isso a lingüista reforça a ideia de que o professor deve propiciar aos alunos: uma leitura de textos autênticos; uma leitura interativa; uma leitura em duas vias; uma leitura motivada; uma leitura do todo; uma leitura crítica; uma leitura de reconstrução do texto; uma leitura diversificada; uma leitura também por “pura curtição”; uma leitura apoiada no texto; uma leitura não só das palavras expressas no texto e uma leitura nunca desvinculada do sentido.

3. Explorando a gramática

A gramática na visão de Antunes:

A gramática compreende o conjunto de regras que especificam o funcionamento de uma língua... reflete as diversidades geográficas, sociais e de registro da língua... existe não em função de si mesma, mas em função do que as pessoas falam, ouvem, lêem e escrevem nas práticas sociais de uso da língua... existe em função da compreensão e da produção de textos orais e escritos... a gramática da língua deve ser objeto de uma descrição rigorosa e consistente.²³

Importante salientar uma coisa: não existe língua sem gramática, pois não se aprende uma língua sem o conhecimento das suas regras de enunciação, por isso é preciso saber como ensinar e quais regras ensinar é o olhar da perspectiva.

²² ANTUNES, 2003, p. 38.

²³ ANTUNES, 2003, p. 38.

Assim, no âmbito da compreensão funcional e discursiva da gramática a pesquisadora deixa claro que o professor de língua portuguesa deverá ter cuidado de trazer para seus alunos: uma gramática que seja relevante; uma gramática funcional; uma gramática contextualizada; uma gramática que traga algum tipo de interesse; uma gramática que liberte, “solte” a palavra; uma gramática que prevê mais de uma norma e uma gramática, enfim, que é da língua, que é das pessoas.

A oralidade também faz parte dos princípios observando essa prática dentro de um caráter interacional com a realização de diferentes gêneros e registros textuais. Cabe ao Professor garantir ao aluno a oportunidade da fala do conversacional cotidiano à fala normal.

Os saberes são indispensáveis, mas o professor não pode perder de vista a importância da dimensão pedagógica, todo o processo de ensino-aprendizagem está envolto na prática planejada com responsabilidade.

Ao professor cabe planejar, implementar e dirigir as atividades didáticas, com o objetivo de desencadear, apoiar e orientar o esforço de ação e reflexão do aluno, procurando garantir aprendizagem efetiva. Cabe também assumir o papel de informante e de interlocutor privilegiado, que tematiza aspectos prioritários em função das necessidades dos alunos e de suas possibilidades de aprendizagem.²⁴

No ensino de língua portuguesa o docente precisa pensar em algumas idéias: a escola deve ser um espaço aberto à socialização das variedades linguísticas e que o aluno precisa ser orientado sobre os contextos dos gêneros, mas para isso o docente precisa se reinventar e se propor a produzir conhecimentos – ser pesquisador.

2.4 Docente Pesquisador

Ao se pensar em conhecimento é importante refletir que a sua construção deve ser fundado tendo o uso crítico da razão, o conhecimento tanto é entendido como processo e produto, sendo assim cada indivíduo agirá de acordo com seus princípios, conceitos, observações, desejos. A pesquisa deve ser uma constante, pois revela um mapa capaz de guiar, nortear e influenciar. Como reflete Cunha, “a pesquisa é um instrumental interessante,

²⁴ BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998. p. 22.

pois é ela que, respeitando os valores acadêmicos, nos ajudarão a produzir conhecimentos com significado. E esse é um desafio para todos”.²⁵

As experiências do educador só têm bons resultados quando ele interage com os seus educandos, quando ele se sente parte do processo. Infelizmente a prática do olhar da interação ainda não é uma constante. Por isso a sociedade atual urge em busca do docente pesquisador.

Este profissional tem plena consciência que a tarefa da docência é árdua e por vezes ingrata, mas percebe o quanto o seu trabalho ganha dimensão incalculável quando passa a ter uma nova postura na sua prática e a vislumbrar a sala de aula como um espaço rico, cheio de conhecimentos e de situações que rompem a rotina e surpreendem pela diversidade ali contida. E ainda de acordo com Cunha:

A sala de aula se vê invadida pelas subjetividades, pelas informações que extrapolam o discurso de professor e do livro didático, por indicadores de uma realidade que não mais pode ser explicada apenas pela racionalidade técnica e pelo conhecimento prescritivo.²⁶

É salutar essa assertiva, pois o processo em si leva os sujeitos (professor/aluno) a pensar, analisar, buscar, entrar em conflito, se encontrar, duvidar, aceitar, recusar, esses são alguns passos na trajetória escolar. É algo natural. A sala de aula é mais um espaço onde o conhecimento se processa e isso precisa estar claro para o professor que deseja ser pesquisador.

A professora Bortoni-Ricardo²⁷ esclarece que os docentes/pesquisadores que se propõem a estudar a sala de aula devem se comportar tal como os etnógrafos que pesquisam culturas estranhas às suas e orienta a começar o trabalho de pesquisa respondendo a três perguntas:

1. O que está acontecendo aqui?
2. O que essas ações significam para as pessoas envolvidas nelas? Ou seja, quais são as perspectivas interpretativas dos agentes envolvidos nessas ações?
3. Como essas ações que têm lugar em um microcosmo como a sala de aula se relacionam com dimensões de natureza macrossocial em diversos níveis: o sistema local em que a escola está inserida, a cidade e a comunidade nacional?

²⁵ CUNHA, 2008, p. 475.

²⁶ CUNHA, 2008, p. 470.

²⁷ BORTONI-RICARDO, 2008, p.41.

A busca em torno da resposta tem que evidenciar o desejo de construir teorias que alcancem a organização social e também cognitiva da sala de aula e até mesmo aperfeiçoá-la, extraindo assim o seu contexto.

A postura pró-ativa de um profissional professor é então o objetivo central de Bortoni-Ricardo, para isso é necessário se apropriar dos princípios básicos da metodologia da pesquisa qualitativa, tornando-se apto para a leitura e plena compreensão dos fatos, dos relatórios de pesquisa, artigos periódicos, a partir daí absorver e aceitar de forma clara o que a autora denomina de os dez princípios básicos da prática pedagógica.

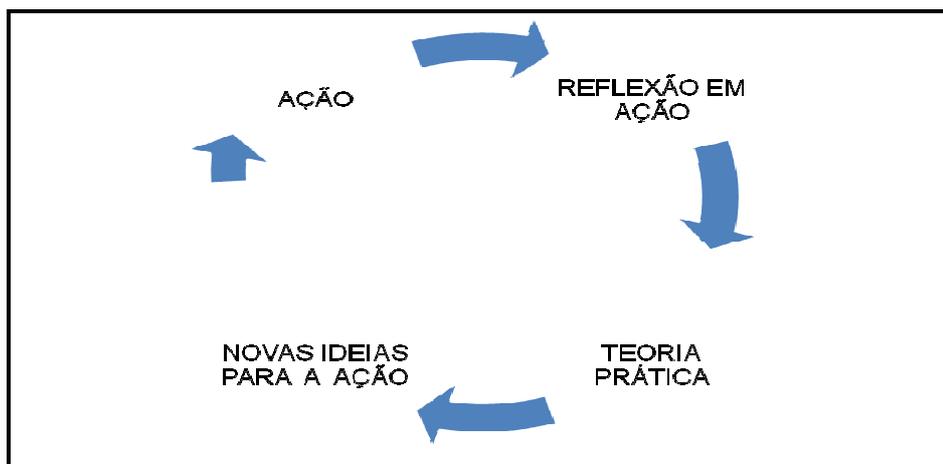
Conforme explicita Bortoni-Ricardo,²⁸

1. Estudantes precisam falar.
2. Estudantes precisam agir.
3. Estudantes precisam brincar.
4. Estudantes precisam ter limites.
5. Estudantes precisam trabalhar em grupo.
6. Estudantes precisam desenhar.
7. Estudantes precisam ouvir histórias.
8. Estudantes precisam contar histórias.
9. Estudantes precisam ler e escrever.
10. Estudantes precisam ser estimulados.

É por conta dessa nova visão da ação pedagógica que a comparação da escola de ontem e a de hoje foi feita, pois não é mais possível dar aulas utilizando fórmulas passadas. Ao observar a figura abaixo é possível ampliar ainda mais a visão do docente pesquisador:

²⁸ BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *O professor pesquisador*. São Paulo, Parábola, 2008. p. 89.

Figura 2. Relação entre a reflexão e a prática do professor pesquisador.



Fonte: BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 48.

O círculo que envolve: ação, reflexão, novas idéias e ação, teoria e prática, mostra como o professor em sua disciplina introduz novos conceitos e terminologias, tudo isso perpassa pela competência comunicativa que capaz de interagir com um número maior de sujeitos e em ambientes diversos, gerando a busca de sentenças, idéias, conclusões bem formadas, ou seja, não repetir o senso comum. A construção de conhecimento que subsidia a reflexão e permite novas experiências na prática pedagógica é o que faz a diferença no processo e no resultado.

O professor pesquisador tem como objeto de pesquisa sistemática a Educação e mais propriamente o trabalho escolar de ensino e aprendizagem, daí a importância de que todos os envolvidos nesse processo sejam pró-ativos, buscando a produção de conhecimento científico.

3 NARRATIVA DE UMA PROFESSORA DE LÍNGUA PORTUGUESA

Essa é uma bela imagem para um professor: alguém que conduz alguém até si mesmo. É também uma bela imagem para alguém que aprende: não alguém que se converte num sectário, mas alguém que, ao ler com o coração aberto, volta-se para si mesmo, encontra sua própria forma, sua maneira própria.

(Jorge Larrosa)

3.1 Memorial: caminhar para si, caminhar para um outro

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho.

(Ecléa Bosi)

Cada um de nós compõe a sua história. Cada ser em si carrega o dom ser capaz e ser feliz.

(Almir Sater e Renato Teixeira)

Antes de ser aquilo que somos, passamos pelo processo de casulo. No itinerário de nossas vidas o vai e vem compõem uma singela poesia da nossa existência. O presente memorial relata o caminho da minha história profissional que se mistura intrinsecamente a minha história de vida.

Ao olhar tantas vezes para o passado, rememoro a infância e lá está registrada a brincadeira da escolinha, dar bancas, corrigir tarefas, um quadro de giz bem pequeno que minha mãe me presenteou, minhas alunas: as primas, pronto – sala de aula montada, vale salientar que minha mãe é Professora. A vivência com a Igreja, as idas à Escola Bíblica Dominical – falarei no próximo tópico sobre este momento ímpar.

A inevitável escolha pela Habilitação em Magistério foi em 1995 quando comecei a cursar o 2º grau (antiga nomenclatura), o atual Ensino Médio. No Instituto de Educação Gastão Guimarães começaram oficialmente os primeiros contatos com o Magistério, a disciplina Metodologia da Língua Portuguesa já era meu encanto, contava os dias para as aulas com a adorável Professora Joana, ela sabia desvendar a arte de ser professora.

A Formação Acadêmica começa com a aprovação em 1998 no vestibular no Curso de Licenciatura em Letras Vernáculas na Universidade Estadual de Feira de Santana. Nos primeiros dias de aula, um certo estranhamento, o mundo acadêmico é diferente, mas logo me acostumei e fui percebendo o quanto aquilo tudo era prazeroso, estava certa de que queria prosseguir mesmo diante das dificuldades.

A linguagem, a comunicação, a produção de texto, a valorização da oralidade, tudo isso era parte de mim. O caminho percorrido vislumbrava toda essa diversidade, participei de palestras, seminários, colóquios, oficinas, discussões. O campus era a minha segunda casa, cada sala de aula, laboratórios, a biblioteca era a minha parceira tinha e queria ler tudo, pois não tinha condições financeiras para obter os livros que tanto desejava. Não posso esquecer os meus tesouros: as professoras Heloísa Barreto e Denise Gomes.

Como estudante, tive oportunidade de estagiar na TV Subaé como arquivista de imagens e depois retornei como produtora executiva no jornalismo. A visão acadêmica ampliava dia após dia o meu olhar, pensar se tornava mais dinâmico.

Em 2002 um grande marco, o Estágio Supervisionado, já tinha passado pela etapa de observação, co-participação, era o momento da Regência. A atividade realizada foi uma oficina de Leitura e Produção Textual “Criando e Recriando”. Enfim, a formatura e a realização de um grande sonho.

Comecei atuando na área em 2003 após a aprovação no Concurso da Secretaria Estadual de Educação, fui nomeada, a partir de então estava concretamente envolvida com a Educação, as Letras e o imaginário de todos os meus alunos, passei a exercer a tarefa de educadora. Fui aprovada numa banca no SESI para atuar como professora de Língua Portuguesa nas indústrias de Feira de Santana. Trabalhei também em escolas particulares.

Em 2003 fui selecionada para pós-graduação *lato Sensu* em Política do Planejamento Pedagógico: Currículo, Didática e Avaliação, nas discussões foi visível a ampliação da importância da Pedagogia no contexto educacional, optei por escrever sobre a Avaliação, o que resultou na pesquisa “A cola em questão”. Motivada pela prática, pois nas reuniões pedagógicas as discussões com outros docentes davam conta da fragilidade do processo avaliativo e o desafio das chamadas “pescas” cada vez mais modernas que os alunos conseguiam desenvolver para vencer o processo.

Em 2005 comecei a atuar na Faculdade de Ciências Educacionais pelo IEB e tive contato com o que chamo de “tesouro”, a sala numa visão acadêmica. Sou apaixonada pela busca científica que responde aos anseios sociais e, justamente por essa razão, em 2007 passei pelas etapas de Seleção do Mestrado Profissionalizante com ênfase em Educação Comunitária com Infância e Juventude na Faculdade EST, no Rio Grande do Sul. As experiências experimentadas em outra cultura, numa diversidade de cursos, idade, gênero, filosofia, geraram uma visão da amplitude do ser humano e sua capacidade de criar e recriar, a sensação

e a certeza de que Paulo Freire reverenciado nas falas dos Professores tinha toda razão quando liberta a educação de quatro paredes.

Em 2009 fui selecionada para atuar como Professora do Projovem Urbano, na área de Língua Portuguesa, o que tem possibilitado discutir o Mestrado com maior eficácia, já que o programa atende mais de dois mil jovens entre 18 e 29 anos.

Desde 2009 também leciono numa pós-graduação semipresencial com as disciplinas: Metodologia do Ensino Superior, Tópicos Especiais em Educação e Educação a Distância.

A formação é continuada e o saber acontece a todo instante, por isso a participação em cursos que tragam reflexões são indispensáveis. O Curso de Extensão em Metodologia e Didática com Ensino Superior foi muito importante na discussão de planejamento, avaliação, PPP, entre outros.

Ressalto também o Curso de Elaboração do Projeto de Pesquisa, pois o pensar precisa ser sistematizado e registrado, observar os passos de um Projeto, Metodologia de Pesquisa, a Pesquisa social e os seus instrumentos, tratamento e interpretação dos dados e relatório de Pesquisa.

Destaco a vivência no Programa Projovem Urbano e a Formação de Educadores, a Secretaria Nacional da Juventude tem abordado conceitos como leitura, letramento, inclusão, gênero, identidade, resiliência.

A experiência de lecionar na Faculdade de Ciências Educacionais nos cursos de Letras e Pedagogia, o que me possibilitou o contato com diversas disciplinas: Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa, Alfabetização e Letramento, Metodologia do Trabalho Científico.

Quanto a perspectivas de trabalho e as possíveis contribuições dele resultantes, ressalto a comunicação, a educação, o texto, o hipertexto, a leitura, a oralidade, a linguística, a variação linguística, a literatura se encontram e se encaixam e a oportunidade de trabalhar com o componente que envolve Práticas Pedagógicas e Estágio Supervisionado é a possibilidade de colaborar com a produção científica, a formação do docente de língua, discutir e refletir o estágio na sua teoria e também a prática, crescer e descobrir com os alunos as possibilidades e amplitudes da Língua Materna, da exploração da riqueza nas tipologias textuais, as novas TICs que invadem o universo escolar, a gramática, a literatura e o universo

leitor. Anseio ainda lecionar numa Universidade Pública e transmitir aos futuros professores as marcas experimentadas em minha trajetória profissional.

Diante dos meus muitos anseios escrevi uma carta pedagógica, assim como Paulo Freire, na oportunidade de expor minhas perspectivas, meus ideais, meu alvo.

CARTA PEDAGÓGICA

*Coloquei uma carta numa velha garrafa,
Mais uma carta de solidão,
Coloquei uma carta, um pedido da alma,
Salvem meu coração. (LS Jack)*

Começo a reflexão trazendo à tona o conceito de carta: é o elemento postal mais importante, constituída por algumas folhas de papel fechadas em um envelope, que é selado e enviado ao destinatário da mensagem através do serviço dos Correios.

Mas, gostaria de enviá-la àqueles que ainda acreditam na educação, sonham e ainda mantém a chama da esperança acesa em torno do ideal de que o sucesso de uma sociedade está intimamente ligado ao sucesso educacional.

Hoje nos deparamos com uma educação escolarizada que tem as marcas históricas do processo que a produziu e a Revolução Industrial é o marco desse processo que inevitavelmente tomou espaço e conduziu o mundo e suas tendências, e a educação, reflexo do mundo recebeu também a sua marca.

O mundo pós Revolução Industrial é movido pelo trabalho, pela produtividade e ainda por muita cobrança, principalmente para o jovem que sofre a pressão dos pais e da sociedade, sendo obrigado a entrar cada vez mais cedo numa faculdade, passar num concurso público; o índice de pessoas jovens depressivas só tem aumentado diante de tanta correria.

Pelo trabalho o ser humano constrói o seu ambiente e em nossa sociedade o trabalho dignifica o homem. Mas a docência tem sido uma atividade que tem perdido o seu valor e cada vez mais é possível encontrar profissionais insatisfeitos. Somos frutos de uma educação tradicional, que em muitos momentos distanciou a escola do prazer, do descobrir, do fazer, da possibilidade de errar, expor idéias e pensamentos. A ordem era “decorar, copiar, repetir”. Muitas “amarras” prenderam a criatividade. Mas, mesmo diante de tais argumentos, boa parte dos docentes sente falta muitas vezes desse passado tão criticado principalmente diante da falta de respeito dos alunos e a desvalorização da profissão.

Será que existe uma receita pronta? Ou mesmo uma fórmula mágica? Ainda assim se encontrássemos será que a solução chegaria? Ser professor/professora, educador/educadora, mediador/mediadora é ser alguém que desafia.

Por outro lado, os docentes em sua maioria ainda não soltaram o nó da tristeza, relacionam disciplina a uma sala de aula silenciosa sem risos, barulhos e brincadeiras. É preciso refletir o que a Madalena Freire registrou: “A ação de olhar e escutar é um sair de si para ver o outro e a realidade segundo seus próprios pontos de vista, segundo sua história”.²⁹ Infelizmente muitas vezes em nossa prática o olhar não traz esse grandioso objetivo. O olhar tem sido de reprovação, inibição, concorrência e visa agradar um sistema.

As experiências do educador só têm bons resultados quando ele interage com os seus educandos, quando ele se sente parte do processo. Mas a grande questão é que nem sempre isso acontece, pois ter essa consciência também envolve subjetividade, autoconsciência, sapiência e a capacidade de perceber a relação entre si e um ambiente. E isso depende muito de como o indivíduo se apropria das significações, tanto no pessoal como no coletivo.

Viver em sociedade implica na construção de uma consciência que, se não for coletiva não funciona de maneira satisfatória, e isso independe do grupo social, bem como da ação de cada indivíduo. O compromisso com o mundo se constrói, então, com e a partir da existência de outros.

Não desejo com essa carta criticar meus heróis colegas de profissão, mas gostaria de alertá-los de que a mudança deve ocorrer primeiro em minhas ações, parte do individual e perpassa para o coletivo. É inevitável essa nova construção, desse novo perfil do olhar, a sala de aula é um espaço onde múltiplas identidades se encontram e desejam dialogar, ouvir e ser ouvidas, refletir e ser refletidas. Importante salientar que essa construção é mutável porque a identidade não é imutável e essa construção se movimenta nos alicerces sociais.

Essa percepção é importante, visto que na sociedade atual a tendência é a repetição, a perda da identidade, quase todos são parecidos/iguais e o professor é aquele que deve estimular o sujeito a buscar a sua própria identidade, sua essência. Como afirma Leonardo Boff, o ser humano “Com os materiais acumulados em seu inconsciente coletivo e com

²⁹ FREIRE, Madalena. *Observação, Registro, Reflexão*. Série Seminários. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

aqueles recolhidos em seu consciente faz uma leitura e uma apreciação que só ele e ninguém mais pode fazer. Por isso cada pessoa humana representa um absoluto concreto”³⁰.

A reflexão dessa assertiva reporta às ideias centrais das obras de Paulo Freire que dizem respeito à necessidade de se construir uma escola prioritariamente democrática, que seja apta a solidificar no educando a passagem da consciência ingênua à consciência crítica, bem como as reflexões por parte dos indivíduos acerca do contexto sócio-político e econômico no qual se inserem de modo a se propiciar uma leitura crítica e fomentadora de transformações.

Viver em sociedade implica em enfrentar o diferente, nisto encontra-se depositada a riqueza da vida. É interessante lembrar que a pessoa que desenvolve a tecnologia não consegue homogeneizar as características do gênero humano, é capaz de criar robôs, mas não consegue reproduzir impressões digitais iguais. A diferença marca a sociedade. Ser diferente é essencial para a construção da identidade e a diversidade. Cada ser humano, cada sociedade, situada no tempo e no espaço, deixa suas marcas.

A educação não deve ter apenas como missão a transmissão de conhecimentos das diversas áreas, mas extrapolar o óbvio, enxergar para além dos muros da escola. Precisamos também distribuir sonhos e quem o faz semeia esperança. Despeço-me com uma linda citação do célebre Rubem Alves: “Mas na profissão, além de amar tem de saber. E o saber leva tempo pra crescer”. Um abraço literário!

3.2 O texto religioso e sua influência em meu mundo leitor

Aquilo que está escrito no coração não necessita de agendas porque a gente não esquece. O que a memória ama fica eterno.

(Rubem Alves)

A Igreja sempre fez parte do meu conjunto educativo, além da Família e da Escola, a Igreja ganhou esse espaço desde os meus 5 anos de idade. Sempre assídua às aulas da Escola Bíblica Dominical ministradas na Igreja Evangélica Assembleia de Deus, em Feira de Santana, Bahia. Destacava-me por atuar nas leituras e apresentações, auxiliar as professoras da classe e não faltar em nenhum domingo.

Nas aulas da Escola Bíblica Dominical, tive acesso às histórias bíblicas, narrativas de homens e mulheres que fizeram diferença em seu tempo. As professoras sempre nos

³⁰ BOFF, Leonardo. *Identidade e Complexidade*. Disponível em: <<http://www.dhnet.org.br/desejos/textos/galaxy.html>>. Acesso em: 23 out. 2012.

orientavam que adquiríssemos a revista trimestral, fazer a leitura geral, a leitura diária e responder as tarefas contidas em cada lição estudada.

Com a chegada da adolescência a Escola Bíblica Dominical também fez parte da minha educação, continue freqüentando e participando com afinco das aulas dominicais. A cada ano os temas abordados iam ganhando mais informação e gosto pelas histórias que traziam um prazer muito grande, principalmente nas discussões em classe, outra coisa que mudou era as pesquisas e gincanas preparadas pelos professores, o que incentivava ainda mais a leitura, interpretação e discussão.

Ao reviver esse contexto me fez lembrar a história de Moisés registrada na Bíblia Sagrada no livro de Êxodo nos capítulos 1 e 2: num período de matança de crianças do sexo masculino, a mãe de Moisés encontrou uma sábia alternativa para evitar a sua morte, preparou um berço embalsamado, colocou-o no rio onde a Filha do Rei Faraó se banhava acompanhada de suas escravas, mas deixou a sua filha Miriam observando toda cena. O encontro da filha de Faraó com a criança gerou um cordão umbilical de adoção muito forte e neste cenário aparece a irmã do menino oferecendo os serviços da própria mãe de Moisés para cuidar do bebê.

Além de preservar a vida de Moisés, a sua mãe obteve a honra de criá-lo e ainda ofereceu-lhe a chance de fazer parte da realeza, o destaque nesta história não era apenas esse último fator, mas o contato com os estudos, a cultura já que os judeus não o tinham. O diferencial de Moisés foi o contato com o estudo. Ainda ouço a professora orientando a minha turma a buscar a leitura, a estudar para vencer na vida. O que fez Moisés vencer além da sua submissão à vontade de Deus foi o conhecimento adquirido nos estudos realizados no palácio, ele fez a diferença no seu papel de líder, pois conhecia geografia do espaço, cultura, ideologia, vocabulário, isso o fortalecia.

O escritor e Pastor Antonio Gilberto, em seu artigo *Principais elementos da Educação Cristã*, traça os principais objetivos de cada lição estudada na Escola Bíblica Dominical:

Além dos objetivos gerais do ensino na igreja, não esqueçamos dos objetivos específicos de cada lição ministrada. Esses objetivos são, na prática três, a saber:

1. Que o aluno aprenda intelectivamente a lição. Isto é, que entenda, que compreenda a lição ensinada. Este objetivo visa o poder intelectual latente em cada aluno, em cada ser humano. É a cognição.
2. Que o aluno sinta algo de Deus quanto ao que aprendeu da lição ensinada. Isto é, que tome e assuma novas e benditas atitudes quanto ao que acaba de aprender. Este objetivo visa o poder afetivo do aluno, a sua afetividade. Atitude assumida sem

prazer durativo, não prevalece.
 3. Que o aluno pratique algo que aprendeu na lição bíblica ministrada pelo professor. Este objetivo específico visa o poder volitivo do aluno, para sua mudança de conduta, mudança de vida para melhor.³¹

O conteúdo espiritual não atinge apenas o lado invisível, imaterial, mas estimula e instiga aos alunos em busca da aprendizagem, isso aciona o lado intelectual e visível que todo ser humano precisa alimentar, afinal, o homem é um constructo tríade: espírito, alma e corpo.

3.2.1 História da escola bíblica dominical

Tudo começou em 1780 em Gloucester, centro-oeste da Inglaterra. A cidade era um pólo industrial, homens, mulheres e crianças trabalhavam incansavelmente, seis dos sete dias da semana.³² Enquanto os pais descansavam no domingo, as crianças ficavam perambulando, brigando, jogados a própria sorte pelas ruas, pois nem atividades escolares tinham para realizar já que escola pública não existia para os filhos de operários pobres, escola era um luxo, privilégio apenas da classe abastada.

O Jornalista Robert Raikes contemplava toda essa situação e seu coração era tocado dia a pós dia, resolveu então escrever um editorial sobre a situação de abandono das crianças pobres. Convocou voluntários e criou um currículo escolar, tirar as crianças da ociosidade era o seu grande desafio, ele se sentia na obrigação de evitar o aumento do crime e violência. Raikes percebeu que cuidando das crianças poderia dar um futuro melhor a seus pais.

No editorial seguinte, Raikes apresentou sua proposta: aulas de alfabetização, linguagem, gramática, matemática e religião, todos os domingos.

O entusiasmo das crianças era comovente e contagiante, elas aprendiam a ler e escrever, contar, dialogar. Mas as histórias bíblicas atraíam ainda mais a atenção, era o momento mais esperado por todas.

Raikes preparava almoço para servir após as aulas do domingo, organizava campanha para arrecadar donativos e agasalhos para as crianças de rua e as conduziam para

³¹ GILBERTO, Antonio. Principais elementos da Educação Cristã: Objetivos e desafios que regem a prática do ensino bíblico. Escola Dominical. Igreja Assembleia de Deus. Disponível em: <<http://www.cpad.com.br/escoladominical/posts.php?s=50&i=477>>. Acesso em: 27 out. 2012.

³² GILBERTO, Antonio. Escola Dominical – agência de ensino bíblico da Igreja (1ª parte). Escola Dominical. Igreja Assembleia de Deus. Disponível em: <http://www.cpadnews.com.br/blog/antoniogilberto/?POST_1_24_ESCOLA+DOMINICAL+?+AG%EANCIA+.html>. Acesso em: 27 out. 2012.

sua casa, até encontrar um lar para elas. Era uma verdadeira lição de moral, ética e amor ao próximo.

Surgia assim, uma revolução na educação cristã. Em pouco tempo as cidades vizinhas já adotavam as classes bíblicas e em quatro anos após a sua fundação a Escola Bíblica Dominical já tinha mais de 250 mil alunos. Quando Robert Reikes faleceu em 1811 eram 400 mil matriculados.

A fundação da Escola Bíblica Dominical data em 3 de novembro de 1783. Entre as igrejas protestantes destaca-se a liderança do Metodista João Wesley, que viu o potencial espiritual dessa obra abençoada e incorporou a Escola Bíblica.

Aqui no Brasil, a EBD surgiu em 1855, em Petrópolis no Rio de Janeiro, através do jovem casal de missionários escoceses Robert e Sarah Kalley. A aula inaugural foi em 19 de agosto de 1855 e contou com a presença de 5 alunos (crianças e jovens), mas muito confiante a pró Sarah contou a história de Jonas. A semente foi lançada em solo fértil.

Hoje são mais de 60 milhões de alunos matriculados em mais de 500 mil igrejas protestantes pelo mundo.

Olhando na atualidade com olhos de professora de língua portuguesa percebo o quanto este espaço ainda tem sido um fomentador de leitores e pesquisadores, pois o contato com a língua materna e a relação com ela não se dá apenas na sala de aula de uma escola formal.

4 O PROGRAMA UM GESTAR EM CADA ESCOLA

Acho que as escolas terão realizado sua missão se forem capazes de desenvolver nos alunos o prazer da leitura. Ele é o pressuposto de tudo mais. Quem ama ler tem nas mãos as chaves do mundo.

(Rubem Alves)

4.1 Concepção do Programa Um Gestar em cada Escola

Os programas estruturantes são caracterizados por serem concebidos integralmente no âmbito do Estado da Bahia e desenvolvidos para atender às necessidades de aprendizagem do estudante. O perfil desses programas é distinto de outras ofertas da rede pública pelo fato de articularem três ações simultaneamente: a formação dos docentes na escola, o suporte pedagógico ao estudante e a distribuição de material didático.

Tendo em vista o alcance e a permanência no foco da aprendizagem do estudante, através de três ações diferenciais, as estratégias a serem realizadas são a inserção do articulador em cada escola, a potencialização dos recursos da educação a distância (EaD) e das tecnologias educacionais, a monitoria aos estudantes e o uso intensivo, e com qualidade, dos laboratórios de informática das escolas.

Dentre os Programas Estruturantes participei do “Um GESTAR em cada Escola (Gestão da Aprendizagem Escolar - GESTAR)” que é um Programa orientado para professores de língua portuguesa (LP) e de matemática (MAT) em efetiva regência de classe, nas séries finais do ensino fundamental. Tem abrangência estadual e foco na aprendizagem do estudante. Sua proposta pedagógica incentiva a autonomia do docente e o aperfeiçoamento profissional por meio da formação continuada em serviço, promovendo trabalho docente colaborativo por meio de práticas coletivas que propiciem o exercício institucional da escola.

Este programa teve seu início com o GESTAR I, uma proposta de formação continuada das séries iniciais do Ensino Fundamental I (1ª a 4ª séries). Em 2001, já ensaiava os seus grandes passos com turmas-piloto, consolidando-se com a criação de novas turmas, a partir de 2003. Este programa foi avaliado pelos cursistas (docentes da rede pública) como positivo, devido ao sucesso alcançado na atualização e na reflexão dos docentes quanto às suas práticas de sala de aula.

O GESTAR I (de Língua Portuguesa e de Matemática) visava ao desenvolvimento de competências dos docentes no ensino e aprendizagem da Língua Materna e da Matemática. Buscou-se fundamentar a aprendizagem significativa para os alunos, a partir da atualização

dos docentes, para que eles possuíssem instrumentos na atuação pedagógica que possibilitassem a intervenção na realidade sócio-cultural em que atuam, considerando a natureza dos conteúdos linguísticos e dos conteúdos matemáticos. Neste processo, considerou-se o ensino e a aprendizagem de Língua Portuguesa e de Matemática, de modo a serem contextualizados e fundamentados nos pressupostos das áreas de Ensino dessas disciplinas.

O GESTAR II surgiu como continuidade do programa para a formação de professores de Língua Portuguesa e Matemática das séries finais do Ensino Fundamental II (5ª a 8ª séries). Busca-se discutir e propor reflexões aos docentes para que possam repensar o ensino e a aprendizagem da Língua Materna e de Matemática. Desta forma, podem ter instrumentos para atuarem e intervirem de maneira significativa à vida do educando, proporcionando mudanças na sua realidade sócio-cultural.

Atualmente, o Programa está vinculado ao Instituto Anísio Teixeira (IAT), mas especificamente à Diretoria de Formação e Experimentação Educacional (DIRFE). O IAT está vinculado à Secretária Estadual da Educação do Estado da Bahia (SEC-BA) e é a instituição responsável pela formação continuada dos Professores da Rede Pública Estadual. O GESTAR II conta com uma equipe de 70 (setenta) formadores, 22 (vinte e dois) coordenadores municipais, 03 (três) especialistas e 1 (um) coordenador geral que atendem a 22 (vinte e duas) Diretorias Regionais da Educação (DIREC) e, aproximadamente, 5500 (cinco mil e quinhentos) cursistas.

Corroborando o aspecto da comunidade escolar, está buscando a qualidade para a Educação no Estado da Bahia. Entre os cursistas que estão no GESTAR II, há Professores de Língua Portuguesa e Professores de Matemática, Coordenadores Pedagógicos, Vice-Diretores e Diretores. Espera-se que isto possa contribuir com o alcance de um Programa de Formação que repensa a Escola, não apenas as salas de aula. Dessa forma pode-se interferir na construção ou na revisão do Projeto Político Pedagógico da Escola, por exemplo, uma vez que outros atores escolares estão repensando a prática coletivamente.

Percebe-se que, desde o início efetivo em 2003, o GESTAR tem experienciado um crescimento expressivo das suas demandas, quer seja por solicitação dos municípios ou por imperativo do próprio Programa, quer interferindo diretamente na qualidade da Educação, uma vez que se torna objeto de desejo dos gestores em todas as regiões do Estado. Portanto, é objetivo deste Programa alcançar mais municípios, buscando melhoria da qualidade da Educação e efetiva mudança nos índices da Educação no nosso Estado.

O GESTAR II tem como foco a atualização dos saberes profissionais por meio do acompanhamento e subsídios à ação do professor no próprio local de trabalho. A sua base principal são os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de 5ª a 8ª séries de Matemática (BRASIL, 1998a) e de Língua Portuguesa (BRASIL, 1998b), buscando elevar a competência dos docentes e, conseqüentemente, a dos discentes, a fim de que possam compreender a realidade que os cerca e que possam intervir sobre ela. O trabalho do Gestar II fundamenta-se na concepção sócio construtivista, visto que docentes e discentes constroem juntos o conhecimento acumulado historicamente por meio da mediação pedagógica.

Os materiais de ensino e aprendizagem do GESTAR são:

- Seis Cadernos de Teoria e Prática (TP), que possuem quatro unidades em cada TP, abordando as concepções e as fundamentações teórico-práticas do Programa desenvolvendo determinadas competências em cada módulo do programa;
- Um Guia Geral com informações gerais sobre o programa, a proposta pedagógica, as estratégias e as etapas de implementação;
- Um Caderno de Orientações Metodológicas para os formadores, abordando temas ligados ao papel do formador no Programa, orientações para a realização de oficinas e comentários para análise das atividades propostas.
- Seis cadernos de AAA (Atividade de Apoio à Aprendizagem)

A carga horária do GESTAR II é distribuída da seguinte forma:

QUADRO DEMONSTRATIVO CARGA HORÁRIA DO PROGRAMA – MÓDULOS I e II – 2007 e 2008		
ATIVIDADES PARCIAL	ESTIMATIVA DE TEMPO	TEMPO
1. Estudos individuais	24 unidades dos TPs (05h cada unidade)	120 h
2. Estudos coletivos – Oficinas (04 h cada oficina)	12 Oficinas das Unidades dos TPs 01 Oficina Introdutória 02 Oficinas de Projeto 07 Oficinas de Psicopedagogia 01 Oficina de Portfólio 01 Oficina de Avaliação	94 h
3. Lição de casa ou socializando o conhecimento atividade)	06 Atividades dos TPs (09 h entre estudo, planejamento e aplicação de cada	54 h

4. Planejamento, elaboração, execução, acompanhamento e depuração do projeto	Do início ao término do curso	60 h
5. Planejamento e elaboração de portfólio		45 h
TOTAL DE HORAS		373 h

Do período total, tem-se:

- 120 horas relativas aos estudos individuais a distância dos TPs e consulta aos materiais de apoio à aprendizagem;

- 94 horas relativas aos estudos coletivos presenciais as quais são conduzidas pelos formadores de Língua Portuguesa e Matemática. Como se pode notar, há oficinas sobre as atividades dos TPs, Psicopedagogia (com temas como Inteligências Múltiplas, Desenvolvimento e Aprendizagem, Concepções de Ensino e Aprendizagem, etc), Avaliação, Projetos e Portfólios;

- 54 horas relativas às seções ao desenvolvimento, pelos cursistas, das atividades do socializando o conhecimento e avançando na prática, que são atividades a serem escolhidas pelos cursistas num universo de duas a três questões por TP, para serem aplicadas com alunos e avaliadas pelo cursista de modo crítico. Por isto, há um intervalo de duas a três semanas entre os encontros presenciais, para que os cursistas tenham tempo de desenvolver as atividades. É importante ressaltar que, nesta etapa, o cursista tem oportunidade de experimentar novos conceitos didáticos em sala de aula;

- 60 horas relativas ao desenvolvimento do Projeto Pedagógico, o qual é desenvolvido pelos cursistas na sua unidade escolar (individualmente ou em grupo com outros professores cursistas do GESTAR). O Programa apresenta um modelo do Projeto que é entregue aos cursistas. Eles reelaboram e executam e ao término do Projeto Pedagógico, entregam um relatório como uma auto-avaliação crítica do desenvolvimento realizado. Sugere-se que insiram fotos e outros registros. Alguns projetos são acompanhados pelos formadores no momento da culminância na Unidade Escolar.

- 45 horas relativas ao desenvolvimento do Portfólio. As atividades desenvolvidas pelos cursistas são partes da avaliação realizada pelos formadores. Elas também compõem o material que servirá de base para reflexões dos cursistas, individualmente, na construção do seu Portfólio, que é entendido como sendo "um continente de diferentes documentos (anotações pessoais, experiências de sala de aula, trabalhos pontuais, controles de

aprendizagem, conexões com outros temas fora da escola, representações visuais etc) que proporciona evidências do conhecimento que foram sendo construídos, as estratégias utilizadas para aprender e a disposição de quem o elabora para continuar aprendendo”.³³

Assim, o GESTAR II é um programa de formação de professores da modalidade semi-presencial, uma vez que parte da carga horária é desenvolvida em ambientes diferentes, tendo momentos de troca de experiências nos encontros presenciais. A certificação do cursista dependerá de seis fatores:

- Frequência;
- Conceitos emitidos pelo formador, referentes à análise crítica do socializando o conhecimento ou da lição de casa;
- Desempenho nas oficinas e nas Avaliações;
- Auto-avaliação realizada pelo professor cursista;
- Apresentação e aplicação do Projeto;
- Apresentação do Portfólio.

4.2 Experiências do Programa Um Gestar em cada Escola

1. O Portfólio

O Portfólio, fruto do GESTAR II e um GESTAR em cada Escola – Bahia é uma versátil ferramenta que tem a visão de promover a partir da reflexão e da investigação-ação, as práticas em torno de um trabalho ou um projeto. Além disso, organiza uma coleção de trabalhos e registros, o que permite uma percepção global das atividades realizadas.

A construção de portfólio é uma prática comum entre artistas, arquitetos, engenheiros, administradores, publicitários, mas que vem ganhando espaço na prática de docentes nas diversas áreas. Segundo Villas Boas:

[...] o portfólio é um procedimento de avaliação que permite aos alunos participar da formulação dos objetivos de sua aprendizagem e avaliar seu progresso. Eles são,

³³ HERNÁNDEZ, Fernando. *Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 2000. p.166.

portanto, participantes ativos da avaliação, selecionando as melhores amostras de seu trabalho para incluí-las no portfólio.³⁴

Outro conceito sobre portfólio amplia ainda mais a importância desse instrumento:

Portfólios são documentos personalizados do percurso de aprendizagem, são ricos e contextualizados. Contêm documentação organizada com propósito específico que claramente demonstra conhecimentos, capacidades, disposições e desempenhos específicos alcançados durante um período de tempo. Os Portfólios representam ligações estabelecidas entre ações e crenças, pensamento e ação, provas e critérios. São um meio de reflexão que possibilita a construção de sentido, torna o processo de aprendizagem transparente e a aprendizagem visível, cristaliza perspectivas e antecipa direções futuras.³⁵

Sá-Chaves³⁶ apresenta, como principal evidência do uso do portfólio e seus contributos, algumas ações que expressam a importante dimensão que tal ferramenta pedagógica apresenta em seu bojo:

- Promover o desenvolvimento reflexivo dos participantes;
- Estimular o processo de enriquecimento conceptual, através do recurso às múltiplas fontes de conhecimento em presença;
- Fundamentar os processos de reflexão para, na e sobre a ação, quer na dimensão pessoal, quer profissional;
- Garantir mecanismos de aprofundamento conceptual continuado, através do relacionamento em feedback entre membros das comunidades de aprendizagem;
- Estimular a originalidade e criatividade individuais no que se refere aos processos de intervenção educativa, aos processos de reflexão sobre ela e à sua explicação, através de vários tipos de narrativa;
- Contribuir para a construção personalizada do conhecimento para, em e sobre a ação reconhecer-lhe a natureza dinâmica, flexível, estratégica e contextual;
- Facilitar os processos de auto e hetero-avaliação, através da compreensão atempada dos processos.

³⁴ VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas. *Portfólio, avaliação e trabalho pedagógico*. Campinas: Papirus, 2004. p. 38.

³⁵ JONES, Marianne; SHELTON, Marilyn. *Developing your portfolio: Enhancing your learning and showing your stuff: a guide for the early childhood student or professional*. New York: Routledge. New York: Routledge, 2005. p. 18-19.

³⁶ SÁ-CHAVES apud ALMEIDA, M. Isabel T. Oliveira. *O portfólio reflexivo como instrumento de avaliação*. [S.l.:s.n.]. [2007?]. Professora Titular do 1º Ciclo. Agrupamento de Escolas de Estarreja. Disponível em: <http://www.eb23-abreu-freire.com/docs/privado/O_Portfolio_como_Instrumento_de_Avaliacao.pdf>. Acesso em: 1 jul. 2012.

Esse instrumento de reflexão leva o sujeito a observar o que se propõe sem deixar de inserir suas impressões, não apenas registra as informações sobre o outro, mas norteia o pensamento de quem o relata. “A mais divulgada maneira de trabalhar com as narrativas no âmbito do ensino e da formação de professores tem sido a chamada história de vida ou memória pedagógica”.³⁷

É salutar essa assertiva, pois o processo em si leva o sujeito a pensar, analisar, buscar, entrar em conflito, se encontrar, duvidar, aceitar, recusar, esses são alguns passos na trajetória e é justamente aí que mora o segredo da pesquisa, no fim o sujeito entende que experimentar foi mais gratificante que encontrar um resultado – isso é crescimento.

Na visão apresentada por Nunes, o portfólio do Professor deverá incluir dois componentes fundamentais: (1) evidências das capacidades e competências profissionais; e (2) reflexões sobre tais evidências e também sobre as práticas de ensino.³⁸

A maior dificuldade dos profissionais de educação é a de colocar na folha de papel as suas experiências, isso é uma ação comum na área médica, por exemplo. Entretanto, pouco se lê acerca de experiências exitosas dos educadores e o portfólio é uma experiência muito interessante para aqueles que nunca se lançaram no mundo dos registros de suas vivências e precisam promover o desenvolvimento reflexivo.

Na atual conjuntura, compreender a dimensão política e social que envolve o processo educativo é de extrema relevância, pois isso proporciona uma ampla visão de como os sujeitos aprendem.

Ao longo dessa vivência no Programa, a apropriação de práticas pedagógicas significativas de ensino-aprendizagem da leitura e a escrita, bem como a construção de processos interativos de apropriação do conceito amplo de linguagem buscando a valorização linguístico-cultural dos alunos e valorizando, sobretudo, os saberes do professor de Língua Portuguesa foram marcas indeléveis neste rico Programa.

³⁷ CUNHA, Maria Isabel da. Conta-me agora!: as narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. *Rev. Fac. Educ.* [online]. 1997, vol.23, n.1-2 Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551997000100010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 abr. 2012. p. 43.

³⁸ NUNES, J. *O Professor e a ação reflexiva-Portfólios: “vês” heurístico e mapas de conceitos como estratégias de desenvolvimento profissional*. Porto: Edições Asa, 2000.

Diante de tamanha responsabilidade o professor na vivência do Programa precisa se perceber como aluno, como sujeito aprendente, que deve aproveitar ao máximo as coordenadas apresentadas pelas articuladoras. A articulação então, nesse processo, faz o papel de professor e a vivência precisa ser enxergada a partir do que diz Freitas:

O portfólio é o conjunto dos trabalhos do aluno ao longo do tempo de aprendizagem, entendendo-se por trabalhos não apenas aqueles que o estudante é obrigado a realizar no âmbito da disciplina, mas todos aqueles que entenda poderem retratar o seu percurso [...]. Deste modo, o professor pode dispor de um número potencialmente importante de elementos de avaliação.³⁹

A importância deste instrumento é plausivelmente justificável, pois o GESTAR fez com que o professor cursista percorresse um caminho interessante. Partindo da concepção de linguagem como instrumento de interação social, alargando a visão trazida por Bakhtin que explicita a linguagem como um fenômeno profundamente social e histórico e, por isso mesmo, ideológico.

Os gêneros textuais foram estudados a partir do texto em situação de interação, variável no contexto do uso da língua, num caráter dialógico da língua e todas as situações de práticas sociais, reconhecendo o gênero como uma unidade sociocomunicativa.

O letramento social também foi apresentado no qual o sujeito se percebe como falante e produtor, reconhece e adéqua a função do texto às concepções de práticas de leitura e suas estratégias. A leitura, em torno das ideias de Magda Soares, enriqueceu ainda mais a visão a respeito do letramento, ela ressalta que letramento é descobrir a si mesmo pela leitura e pela escrita.⁴⁰

A produção da escrita foi debatida através da orientação de como planejar o trabalho de construção e revisão, é preciso adequar a situação de uso, priorizando a inserção da perspectiva comunicativa, lembrando que o contínuo processo de reflexão marca um escritor maduro.

A análise linguística não foi excluída, um tema bastante polêmico, pois o professor de língua portuguesa ainda é visto como um mero “explicador” de regras da gramática. Entretanto, a ênfase foi dada a partir da utilização funcional da gramática contextualizada, a busca dos implícitos estudados em Koch e Costa Val, que também explana acerca dos

³⁹ FREITAS, C.V. *Proposta de Avaliação para as disciplinas de Mestrado*. Braga: UM, 1998.

⁴⁰ SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 89-103.

elementos da textualidade: coerência, coesão, intertextualidade, informatividade, entre outros.⁴¹

As atividades apresentadas neste portfólio correspondem a uma tessitura dessas temáticas que proporcionou um repensar nas minhas ações pedagógicas, pois, apesar de estar atuando na Direção de Escola, visualizo com clareza as minhas falhas e os acertos como professora da língua materna.

O desafio de descrever as atividades sem estar atuando na sala de aula, sem poder participar das reuniões de AC, tendo que dar conta das questões administrativas da escola, me afligia e muito neste processo. Mas, consigo encontrar nas palavras de Rubem Alves uma explicação de fazer o GESTAR:

Se fosse ensinar a uma criança a beleza da música não começaria com partituras, notas e pautas. Ouviríamos juntos as melodias mais gostosas e lhe contaria sobre os instrumentos que fazem a música. Aí, encantada com a beleza da música, ela mesma me pediria que lhe ensinasse o mistério daquelas bolinhas pretas escritas sobre cinco linhas. Porque as bolinhas pretas e as cinco linhas são apenas ferramentas para a produção da beleza musical. A experiência da beleza tem de vir antes.⁴²

Todas as ações do Curso sejam teóricas e práticas, individuais e coletivas, foram inseridas nesse Portfólio, instrumento que me despertou para um olhar mais concreto da pesquisa, da leitura, da análise, da observação e acima de tudo o olhar descobridor.

Através da construção do Portfólio é que o Programa Um Gestar em cada Escola, aplicado no Estado da Bahia para os Professores de Língua Portuguesa e Matemática da Educação Básica, incentiva e dá espaço às construções de relatos através da prática pedagógica vivenciada por cada profissional.

2. Projeto da Biblioteca

O Projeto Biblioteca Fênix começou como um sonho, em 2010. Ao assumir a Direção da Escola Cooperativa de Ensino Fênix, percebi de imediato a necessidade de criar uma Biblioteca, como atuava antes como professora de língua portuguesa, Redação e

⁴¹ KOCH, Ingedore Villaça. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997. COSTA VAL, Maria da Graça. *Redação e Textualidade*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 3.

⁴² RUBEM ALVES. Se eu fosse ensinar. *Almanaque Brasil de Cultura Popular*, set. 2004.

Literatura, neste mesmo espaço escolar, ouvia o latejar das vozes dos alunos que queriam um espaço de leitura e também desejavam levar livros pra casa.

Como a nomeação para o cargo aconteceu em meados daquele ano, já não podia mexer na estrutura da escola. Comecei então a estudar sobre a localização daquela unidade de ensino, é importante ressaltar que funciona em um espaço alugado, com apenas uma entrada e saída e naquele período atendia a quase 700 alunos.

Situada no Conjunto Habitacional João Durval Carneiro, conhecido popularmente como Conjunto Feira X, o maior conjunto habitacional da América Latina, com mais de cinco mil habitantes. Hoje, vive cercado pela violência, o tráfico de drogas tem envolvido um número crescente de jovens e adolescentes, os dados da polícia mostram a estatística violenta desta localidade. O número de assaltos e assassinatos assusta os moradores. A escola luta para que as drogas que circulam em seu entorno não adentre o espaço.

Por isso, a importância da Biblioteca como um espaço de socialização e resignificação de vidas. Em dezembro de 2010 tive a ideia de limpar uma sala cheia de coisas velhas e muita sujeira e iniciamos uma seleção dos livros que serviriam para a exposição.

Descobri nesse espaço algumas estantes que estavam sem uso e as separei para a organização dos livros. Chegou o mês de janeiro de 2011. Conversei com o engenheiro, pois queria abrir uma porta na lateral, assim facilitaria o acesso dos alunos e da comunidade, isso foi feito.

O espaço já estava limpo, pintado, com iluminação, livros separados, enfim, começou a catalogação dos exemplares e a devida arrumação nas estantes, obedecendo às áreas e dentro das áreas a ordem alfabética, o registro foi feito num livro específico, pois pretendia instalar um computador no espaço para posterior lançamento num programa, mas para isso precisaria de vigilância 24 horas, o que não tinha.

Deu-se o início das aulas, convocamos os alunos e fizemos a Feira do Livro com doações e trocas, foi um sucesso e apresentamos o novo espaço da Biblioteca. Todos os dias o espaço era bastante visitado e sempre tínhamos alguém da secretaria que auxiliava no atendimento aos alunos. Solicitei junto à Diretoria de Ensino da cidade funcionários para cuidarem especificamente da biblioteca nos três turnos. Fui removida dois meses depois.

Num último contato com a nova Direção recebi boas notícias: a biblioteca funciona a todo vapor com empréstimos e consultas internas e uma professora foi indicada para cuidar do

espaço. Sinto-me muito feliz e gostaria de parafrasear o condoreiro poeta Castro Alves, com um trecho de *Espumas Flutuantes*:

Por isso na impaciência
 Desta sede de saber,
 Como as aves do deserto —
 As almas buscam beber...
 Oh! Bendito o que semeia
 Livros... livros à mão cheia...
 E manda o povo pensar!
 O livro caindo n'alma
 É germe—que faz a palma,
 É chuva—que faz o mar.⁴³

Essa experiência me fez perceber que nada impede o contato do aluno com as letras, pois, mesmo antes de existir essa biblioteca, como toda professora apaixonada por leitura, levava os alunos para debaixo da árvore e ali vivenciei momentos inesquecíveis, com os livros abertos nos braços dos meus alunos e o compartilhar das experiências das leituras feitas ao ar livre, perto da cerca que separa a escola de um terreno baldio.

A leitura é o transporte mais eficiente que um professor pode apresentar na sua prática educacional e nada é impossível quando existe boa vontade e fé. É de extrema importância revitalizar e tornar o uso da biblioteca uma constante no ambiente escolar.

3. Projeto de leitura e escrita

LEITURAÇÃO

Público-alvo: Alunos do turno vespertino Ensino Fundamental da Escola Cooperativa do Ensino Fênix em Feira de Santana-Bahia.

Período de realização: março a dezembro de 2011.

JUSTIFICATIVA

No contexto contemporâneo, ler e escrever se tornou um desafio para a prática dos professores que em meio à concorrência das mídias e objetos tecnológicos reclamam da falta de interesse dos alunos.

Somos frutos de uma educação tradicional, que em muitos momentos distanciou a escola do prazer, do descobrir, do fazer, da possibilidade de errar, expor ideias e pensamentos. A ordem era “decorar, copiar, repetir”. Muitas “amarras” prenderam a criatividade.

⁴³ ALVES, Castro. *Poesias Completas*. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959. p. 345.

O Projeto Leituração – Projeto de leitura e escrita tem em seu bojo semear nos alunos a importância desses atos comunicativos, a busca da expressividade, da liberdade de criação e a autonomia de ideias.

Apesar da possibilidade de se organizar um projeto com temática focada em uma área torna-se complicado não utilizar ou mesmo tocar em outras temáticas. A vivência solitária na educação não produz bons frutos.

Nesse sentido, justificamos que as áreas precisam dialogar e compartilhar os objetos de sua prática disciplinar, pois a escola não pode mais se comportar como um grande armário cheio de gavetas, onde cada disciplina ocupa uma destas, as quais são abertas e fechadas a cada momento em que o sinal toca.

Sendo assim, é importante ressaltar que os objetivos que nortearão o desenvolvimento desta ação devem passar pelo cunho da relevância social, visando o fazer cidadão nas práticas a serem exercidas nesta tarefa pedagógica. Ler e escrever serão vistos como alternativas e possibilidades de se descobrir o que se pode ser.

OBJETIVOS

- ✓ Contribuir para a formação de leitores e escritores.
- ✓ Produzir em sala de aula textos variados.
- ✓ Promover ações que estimulem o interesse dos alunos pela utilização da biblioteca da escola.
- ✓ Envolver as disciplinas nas ações de leitura e escrita.

ATIVIDADES PROPOSTAS

Produção e leitura de textos variados:

- ✓ Poesia
- ✓ Fábula
- ✓ Conto
- ✓ Lenda
- ✓ Parlenda
- ✓ Romance
- ✓ Texto teatral

- ✓ Blog
- ✓ Notícia de jornal
- ✓ Paródia
- ✓ Propaganda
- ✓ Sinopse de filmes

PROCEDIMENTOS

- ✓ Sensibilização: através da Feira do Livro
- ✓ Aprofundamento: discussão com os docentes e discentes quinzenalmente, para propostas de atividades de leitura integrada e produção (criação e recriação de textos)
- ✓ Produção: A cada 30 dias exposição de painel “Leituração”
- ✓ Culminância: Apresentação de teatro envolvendo os textos produzidos

RECURSOS

- ✓ Livros
- ✓ Recortes
- ✓ Jornais
- ✓ Revistas
- ✓ Internet
- ✓ TV pendrive
- ✓ Data show
- ✓ DVD
- ✓ Folhas de ofício e de cartolina
- ✓ Palco
- ✓ Microfones
- ✓ Som

AVALIAÇÃO

O projeto será concluído com a exposição do grande painel “LEITURAÇÃO”, na área externa da escola. Nele serão expostos todos os textos criados pelos alunos. Também será realizado um grande recital com a declamação de textos, apresentação de canções, paródias, teatro. Além da visitação ao espaço da Biblioteca que será organizado com frases criadas pelos alunos sobre o livro e a leitura.

Relato sobre o projeto leituração

Iniciei o Projeto Leituração na Escola Cooperativa de Ensino Fênix, em Feira de Santana – Bahia, pois desejava fortalecer as bases da leitura e escrita, bem como incentivar a exploração do novo espaço da Biblioteca da Escola.

Numa reunião de início do ano, apresentei a proposta ao grupo, dos dez professores do ensino fundamental do turno matutino, sete aderiram ao projeto. Iniciamos então, as discussões e a seleção dos textos. Os encontros se davam quinzenalmente, as trocas eram maravilhosas, o envolvimento aumentava a cada ciclo de textos lidos e produzidos.

Por razões profissionais fui transferida para o Colégio Edith Mendes da Gama e Abreu, também para compor o corpo diretivo. Diante disso, não era mais possível dar continuidade ao projeto iniciado na outra unidade escolar, pois outras ações já estavam em processo, além da chegada do fim de ano, fatores que impossibilitaram agregar novas práticas, apesar da liberdade encontrada neste novo espaço escolar.

O projeto na Escola Cooperativa não foi adiante, mas fica a lição do beija-flor: mesmo que seja pequena e bem simples a contribuição, o importante é cada um fazer a sua parte.

É importante relatar que nem sempre as ações darão certo naquele momento, naquele dia, mas as sementes jogadas não serão totalmente perdidas, hoje encontro alunos desse projeto que lembram e desejam reviver aqueles momentos.

4. ATIVIDADE COLABORATIVA

Esta atividade é muito interessante, pois se trata de uma aula simulada, ou seja, não foi aplicada, a partir de todas as discussões e participação dos encontros foi preciso imaginar uma sala de aula e criar a atividade colaborativa.

	GESTAR II e Um GESTAR em cada ESCOLA – BAHIA
AAA 6 – LEITURA E PROCESSO DE ESCRITA II	
LER PARA GOSTAR	

Conteúdo:

- ✓ Literatura

Objetivo:

- ✓ Despertar o interesse e apreço pela leitura literária.

Habilidade:

- ✓ Espera-se que os alunos desenvolvam a interpretação do texto literário e apresentem de forma criativa a análise lida.

Procedimentos:

Os alunos seriam instruídos passo-a-passo:

- 1- Conhecer o Projeto Palco literário;
- 2- Ouvir as contribuições dos alunos, as opiniões em torno da ação.
- 3- Propor que visitem a Biblioteca para escolha do exemplar.
- 4- Fazer a leitura do texto literário escolhido.
- 5- Pensar na decoração do palanque literário, que seria realizado na sala de aula.
- 6- Agendar as apresentações dos textos.
- 7- Apresentar as dúvidas.
- 8- Confeccionar o material suporte de apresentação (faixas, cartazes, roupas).

Os alunos poderiam usar outros recursos, como: cantar uma música criada por ele, parodiar, apresentar um programa de rádio ou TV, um quadro humorístico, um telejornal, declamação de poemas, simular entrevista, simular lançamento de livro, utilizar fantoches, criar cordel, apresentar um repente, um rap. Seria um espaço da fama.

O trabalho deveria ser registrado através da produção de um relato de experiência, cada aluno iria descrever como foi todo o processo e qual a sua impressão ao final das apresentações do palanque literário.

Esta atividade envolve uma das estratégias que é ler por prazer, com liberdade de escolher o que se deseja buscar. A partir da autonomia o processo criativo se torna mais envolvente e atraente, principalmente no mundo do adolescente.

Considerações sobre a atividade colaborativa

Escolheria esta atividade colaborativa por algumas questões: para que o aluno fizesse a seleção do livro literário precisaria visitar a biblioteca, folhear livros, encantar-se por algum elemento (capa, tipo de folha, ilustração interna), usaria alguma estratégia para definir a leitura profunda e isso é o processo de disseminar o uso da biblioteca (projeto apresentado sobre biblioteca tem esse objetivo), tornando-a um espaço de convivência útil e também pela organização do palanque literário, mesmo realizando a tarefa final da proposta em sala de aula, os alunos poderiam sentir como seria o dia da culminância do projeto LEITURAÇÃO, onde apresentariam suas produções na área externa, para o grande público. Dessa forma, poderiam se avaliar melhor.

4.3 Lições aprendidas na trajetória

A construção do conhecimento também se dá na troca, no convívio, nas variadas percepções e o educador é quem faz essa mediação de forma madura. A busca pelo novo, pelo desconhecido, bem como a curiosidade na medida certa contribuem para se chegar ao saber.

Ao escrever construímos história, perpetuamos a vida através da memória, o que na oralidade nem sempre é possível. Como expressa Freire:

[...] quando registramos, tentamos guardar, prender fragmentos do tempo vivido que nos é significado, para mantê-lo vivo [...] observar uma situação pedagógica não é vigiá-la mas sim, fazer vigília por ela, isto é, estar e permanecer acordado por ela, na cumplicidade da construção do projeto, na cumplicidade pedagógica [...].⁴⁴

A busca pelo novo, pelo desconhecido, bem como a curiosidade na medida certa contribuem para se chegar ao saber. O educando ao vivenciar as questões perceberá que é sujeito de sua aprendizagem e também que ele aprende com o outro e consigo.

Freire diz que a ação de olhar e escutar é um sair de si para ver o outro e a realidade segundo seus próprios pontos de vista, segundo sua história. É o olhar desprovido de preconceitos e ideias antecipadas, é ser natural ao que o outro é, tem sente, vive. Infelizmente em nossa prática o olhar não traz esse grandioso objetivo. Olhar tem sido de reprovação, inibição, concorrência.

Toda busca reflexiva possibilita o espaço para que as transformações ocorram e, se dentro de um processo de busca e reflexão nada modificar, tal situação ainda não aconteceu de fato. As transformações podem até doer, desestruturar, mas são necessárias.

⁴⁴ FREIRE, 1996, p. 6.

Tão importante também é desenvolver no processo o olhar-se no espelho, o de construir o seu auto-retrato e partilhar as experiências degustadas. Quando compartilhamos a nossa prática, nossas experiências bem e mal sucedidas, estamos interpretando a nós mesmos.

É preciso assumir a identidade do ser professor e isso se dá no entrecruzamento do desejo pessoal, da trajetória pessoal e profissional, das inter-relações pessoais e profissionais no espaço educativo.

Nesse ofício, o de ser docente se situa um mundo de saberes: epistemológicos – aprender a aprender; pedagógicos – saber-saber e saber-fazer; relacionais – gestar relações inter e intrapessoais e tudo ainda engajado numa dinâmica histórica da aprendizagem humana, do ensinar e aprender a ser humano. E há ainda de se lembrar que os saberes desse professor trazem marcas de um ser humano.

Sem dúvida, oportunizar o docente na prática de narrar nada mais é que possibilitar esse profissional a expor suas ideias, reinventar o mundo, por vezes recriar ideias, contar o que passou, relatar o que pensa e ainda revelar o que espera.

Parece ser este o mesmo sentido dado por Santos a sua afirmação de que todo o conhecimento é autobiográfico.⁴⁵ Ao se pensar em conhecimento é importante refletir que a sua construção deve ser fundada tendo o uso crítico da razão, o conhecimento tanto é entendido como processo e produto, sendo assim cada indivíduo agirá de acordo com seus princípios, conceitos, observações, desejos.

As experiências do educador só têm bons resultados quando ele interage com os seus educandos, quando ele se sente parte do processo. Parafraseando Freire, educador ensina a pensar, pensando; educador ensina a olhar, ensinando.

⁴⁵ SANTOS, B. S. *Um discurso sobre as Ciências*. Portugal: Afrontamento, 1987. p. 52.

CONCLUSÃO

*Sim, sou eu, eu mesmo, tal resultei de tudo [...]
Quanto fui, quanto não fui, tudo isso sou [...]
Quanto quis, quanto não quis, tudo isso me forma [...]*

(Fernando Pessoa [Álvaro de Campos])

A escolha da produção do portfólio para a avaliação final do GESTAR II e um GESTAR em cada Escola - Bahia pareceu, inicialmente, um desafio intransponível.

O contato com este instrumento didático proporcionou a busca, a coleta, a troca, a descoberta e a sensação de produzir com qualidade. Chegar até aqui foi um árduo e longo processo, de idas e vindas nas estradas nada conservadas, mas de um prazer imensurável.

Parente ajuda ainda mais a compreensão dessa prática, percebendo o portfólio como: “Instrumento aberto, flexível, cumulativo que vai utilizando múltiplas fontes de informação, e por estas características, capaz de ir suportando a implementação do currículo”.⁴⁶

A possibilidade de discutir a prática pedagógica no ensino de Língua Portuguesa trouxe um novo olhar e uma nova postura e ainda suscitou algumas considerações que, por vezes, no calor do cotidiano acabam ficando esquecidas. Fomentou em minha mente a efusão de leis, teóricos, relatórios que são lidos ao longo da formação acadêmica, mas que muitas vezes se tornam utopias.

É preciso ir além da gramática, do famoso decoreba para aprovações e números férteis, necessário se faz repensar a educação básica, tão importante na formação do sujeito, que precisa ser bem-sucedida, é necessário continuar a aprender, quanto mais formação se tem, melhor.

Entretanto, esse desejo deve ser correspondido com um sistema que de fato funcione. A educação deve proporcionar novas oportunidades àqueles que por algum motivo não conseguiram o sucesso, isso é o princípio da igualdade de oportunidades.

A leitura e a escrita devem alicerçar as práticas pedagógicas que necessitam ser redefinidas de fato em suas concepções engessadas e privilegiar outras formas de aprendizagens, não atendendo apenas ao conhecimento das estruturas educativas formais.

⁴⁶ PARENTE, M. C. *Actas do congresso internacional: os mundos sociais e culturais da infância*. Braga: CESC e IEC da Universidade do Minho, 2006. p. 274.

À luz das ideias já percorridas nas oficinas, nas discussões e nas vivências na escola, basta entender que a educação precisa ser concebida como um todo e que o diálogo construído por cada um pode desencadear o processo criativo no ambiente escolar.

A experiência foi bastante enriquecedora, exitosa e como toda formação humana necessita de um referencial, lembro-me com muita ênfase neste momento de crescimento dos ideais de Paulo Freire que são pressupostos indissolúveis, visto que em sua visão a leitura e a escrita são atos de educação que devem estar comprometidos com a libertação das pessoas.

O objetivo de ensino da língua materna precisa perpassar pela capacidade do aluno/aluna interpretar e produzir textos coerentes e com opiniões objetivas.

A linguagem é o veículo de interação. É através dela que os indivíduos pensam e produzem suas próprias opiniões e isso contribui para o seu desenvolvimento, assim, crescem e se tornam capazes de modificar e provocar a transformação na sociedade e isso é o que se busca: a autonomia do sujeito.

Pensar a educação ao longo de toda a vida não é um ideal longínquo, mas uma realidade com forte tendência. Basta observar que o progresso científico e toda alteração tecnológica transformam os saberes obsoletos com rapidez exigindo formação permanente no mundo do trabalho que é também um espaço privilegiado de educação e neste cabe trazer a Universidade como colaboradora, uma ponte na construção de novas aprendizagens. Vale salientar que o indivíduo necessita conduzir o seu caminho, convivendo com as inúmeras alterações que a globalização proporciona, não deixando de observar as mudanças nas relações interpessoais, no tempo e espaço.

A educação básica, tão importante na formação do sujeito, precisa ser bem-sucedida, é necessário continuar a aprender, quanto mais formação se tem, melhor. Entretanto, esse desejo deve ser correspondido com um sistema que de fato funcione. A educação deve proporcionar novas oportunidades àqueles que por algum motivo não conseguiram o sucesso, é o princípio da igualdade de oportunidades.

A visão pluridimensional alicerça a educação ao longo de toda vida, pois diz respeito à capacidade de discernir e agir, tomar consciência de si e do meio que o envolve, bem como atuar no papel social. Sobretudo, é importante refletir sobre os saberes necessários para a vivência dessa educação: saber fazer para adquirir competências que ampliem as relações; saber conhecer para se beneficiar das oportunidades oferecidas; saber viver para desenvolver

a compreensão do outro e da percepção da interdependência e saber ser para o desenvolvimento da personalidade, autonomia.

A presença da família nesse processo educativo é indiscutível, pois é o primeiro lugar de contato social, de transmissão de cultura, valores, normas, bem como a ligação afetiva. Sendo assim, a escola precisa caminhar com a família, o diálogo precisa se efetivar envolvendo professores, pais, direção e coordenação, pois quando a família valoriza a aprendizagem estimula no filho o mesmo.

A educação ao longo de toda a vida é apresentada como a bússola que indica a direção da educação do século XXI, pois mostra que todos os caminhos de aprendizagens que a sociedade oferece podem ser aproveitados, ultrapassa os limites da educação formal, pois qualquer ocasião é um momento para se aprender.

Mas toda a perspectiva de abertura traz também a necessidade de repensar e analisar, bem como saber organizar os espaços para uma nova proposta. É necessário observar as estruturas pedagógicas da visão planetária para as escolas e as igrejas.

O movimento planetário e globalizado característico do século XXI pode causar ruptura entre os que querem tais mudanças e os que não aceitam. Diante disso, a base pedagógica deve estar preparada para buscar equilíbrio na vivência de situações dicotômicas tais como: as diferenças de oportunidades e a competição, o individual e o coletivo, o novo e a tradição e ainda a dualidade entre espiritual e material.

As bases das escolas e das igrejas necessitarão da educação que assegure a tarefa universal de ajudar a compreender o mundo e o outro, diferente de si mesmo. Exigirá também o respeito à grande variedade de situações econômicas, sociais e culturais, o que evidentemente irá suscitar diversas formas de desenvolvimento da educação. Esta é uma importante decisão para que as mudanças não provoquem discórdias e revoltas, mas disponibilizem o aprofundamento das ideias propostas e proporcionem na execução da estrutura o diálogo na busca de maior compreensão mútua.

O que se busca nas práticas pedagógicas atuais é que o aluno/aluna tenha um contato mais positivo possível com a sua língua, a língua materna, que saiba ler, escrever, falar, ouvir de forma competente e adequada às situações diversas, para tal uma abordagem da língua com objetivos mais amplos torna-se imprescindível.

O fazer social, de interação e libertação perfaz o caminho a ser trilhado pelo docente de linguagens, no obstante, o ato de cidadania deve ser o agente influenciador para o ensino-aprendizagem, já que a língua portuguesa é a língua que o discente estuda, é papel do docente contribuir de forma significativa e eficaz na ampliação da competência do uso oral e escrito da língua portuguesa.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. Se eu fosse ensinar. *Almanaque Brasil de Cultura Popular*, set. 2004.
- ALVES, Castro. *Poesias Completas*. 3. ed. São Paulo: Companhia Editôra nacional, 1959.
- ANTUNES, Irlandé. Aula de Português: encontro e interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003 – (Série Aula; 1).
- BOFF, Leonardo. Identidade e complexidade. In: CASTRO, Gustavo e outros (Org.). *Ensaio de complexidade*. 3. ed., Porto Alegre: Sulina, 2002.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *O professor pesquisador*. São Paulo, Parábola, 2008.
- BRASIL. Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos. *Lei n. 9.394*, de 20 de dezembro de 1996, que Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 21 set. 2012.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998. p. 22.
- BREZEZINSKI, Iria (Org.). *Profissão Professor: Identidades profissionalização docente*. Brasília: Plano editora, 2002.
- CUNHA, Maria Isabel da. *Conta-me agora!: as narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino*. *Rev. Fac. Educ.* [online]. 1997, vol.23, n.1-2 Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010225551997000100010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 abr. 2012.
- DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. In: *Ética e cidadania: construindo valores na escola e na sociedade*/Secretaria de Educação Básica, Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.
- DELORS, Jacques et al. *Educação: um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. São Paulo: Cortez, 1998.
- FREIRE, Madalena. *Observação, Registro, Reflexão*. Série Seminários. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.
- FREITAS, C.V. *Proposta de Avaliação para as disciplinas de Mestrado*. Braga: UM, 1998.

GILBERTO, Antonio. Escola Dominical – agência de ensino bíblico da Igreja (1ª parte). Escola Dominical. Igreja Assembleia de Deus. Disponível em: <http://www.cpadnews.com.br/blog/antoniogilberto/?POST_1_24_ESCOLA+DOMINICAL+?+AG%EANCIA+.html>. Acesso em: 27 out. 2012.

_____. Principais elementos da Educação Cristã: Objetivos e desafios que regem a prática do ensino bíblico. Escola Dominical. Igreja Assembleia de Deus. Disponível em: <<http://www.cpad.com.br/escoladominical/posts.php?s=50&i=477>>. Acesso em: 27 out. 2012.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

JONES, Marianne; SHELTON, Marilyn. *Developing your portfolio: Enhancing your learning and showing your stuff: a guide for the early childhood student or professional*. New York: Routledge. New York: Routledge, 2005.

KETZER, Solange Medina. *A graduação e os desafios da formação do educador do século XXI. Educação*, Porto Alegre/RS, ano XXX, n. especial, p. 35-45, out. 2007.

KOCH, Ingedore Villaça. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.
COSTA VAL, Maria da Graça. *Redação e Textualidade*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LIBÂNEO, J. C. *Tendências Pedagógicas na prática escolar*. Revista da Associação Nacional de Educação, ANDE, 3:11-19. 1983.

LODI, Lucia Helena; ARAÚJO, Ulisses F. *Ética, cidadania e educação*. In: *Ética e cidadania: construindo valores na escola e na sociedade*/Secretaria de Educação Básica, Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Da sócio-história do Português Brasileiro para o ensino do português no Brasil hoje*. In: AZEREDO, J. C. (Org.). *Língua portuguesa em debate*. Petrópolis: Vozes, 2000.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

MARQUES, Mário Osório. *A formação do profissional de educação*. 4. ed. Ijuí: Ed. Unijui, 2003.

NÓVOA, António. *A formação tem de passar por aqui: as histórias de vida no projeto Prosalus*. In: NÓVOA, A; FINGER, Matthias (Org.). O método (auto)biográfico e a formação. Lisboa: Ministério da Saúde, Departamento de Recursos Humanos da Saúde, 2003.

NUNES, J. *O Professor e a acção reflexiva-Portfólios: “vês” heurístico e mapas de conceitos como estratégias de desenvolvimento profissional*. Porto: Edições Asa, 2000.

PARENTE, M. C. *Actas do congresso internacional: os mundos sociais e culturais da infância*. Braga: CESC e IEC da Universidade do Minho, 2006.

PIMENTA, Selma Garrido (Org.) *Saberes pedagógicos e atividade docente*. São Paulo. Cortez. 1999.

SÁ-CHAVES apud ALMEIDA, M. Isabel T. Oliveira. *O portfólio reflexivo como instrumento de avaliação*. [S.l.:s.n.]. [2007?]. Professora Titular do 1º Ciclo. Agrupamento de Escolas de Estarreja. Disponível em: <http://www.eb23-abreu-freire.com/docs/privado/O_Portfolio_como_Instrumento_de_Avaliacao.pdf>. Acesso em: 1 jul. 2012.

SANTOS, B. S. *Um discurso sobre as Ciências*. Portugal: Afrontamento, 1987.

SANTOS, Mônica Maria dos. *E agora professor? Professor para onde? Auto, eco e co-formação: caminhos para ressignificação da identidade profissional docente*. Dissertação. 158 f. (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Salvador, 2010.

SAVIANI, D. *A educação musical no contexto da relação entre currículo e sociedade*. Revista Histedbr On-line, n. 1, 2000. Disponível em: <www.histedbr.fae.unicamp.br>.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas. *Portfólio, avaliação e trabalho pedagógico*. Campinas: Papirus, 2004.

WIKIPÉDIA: a enciclopédia de todos. Verbete: Educação. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Educa%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 15 abr. 2012.

XAVIER, Antonio Carlos. Letramento digital e ensino. In: FERRAZ, C.; MENDONÇA, M. *Alfabetização e letramento: conceitos e relações*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.